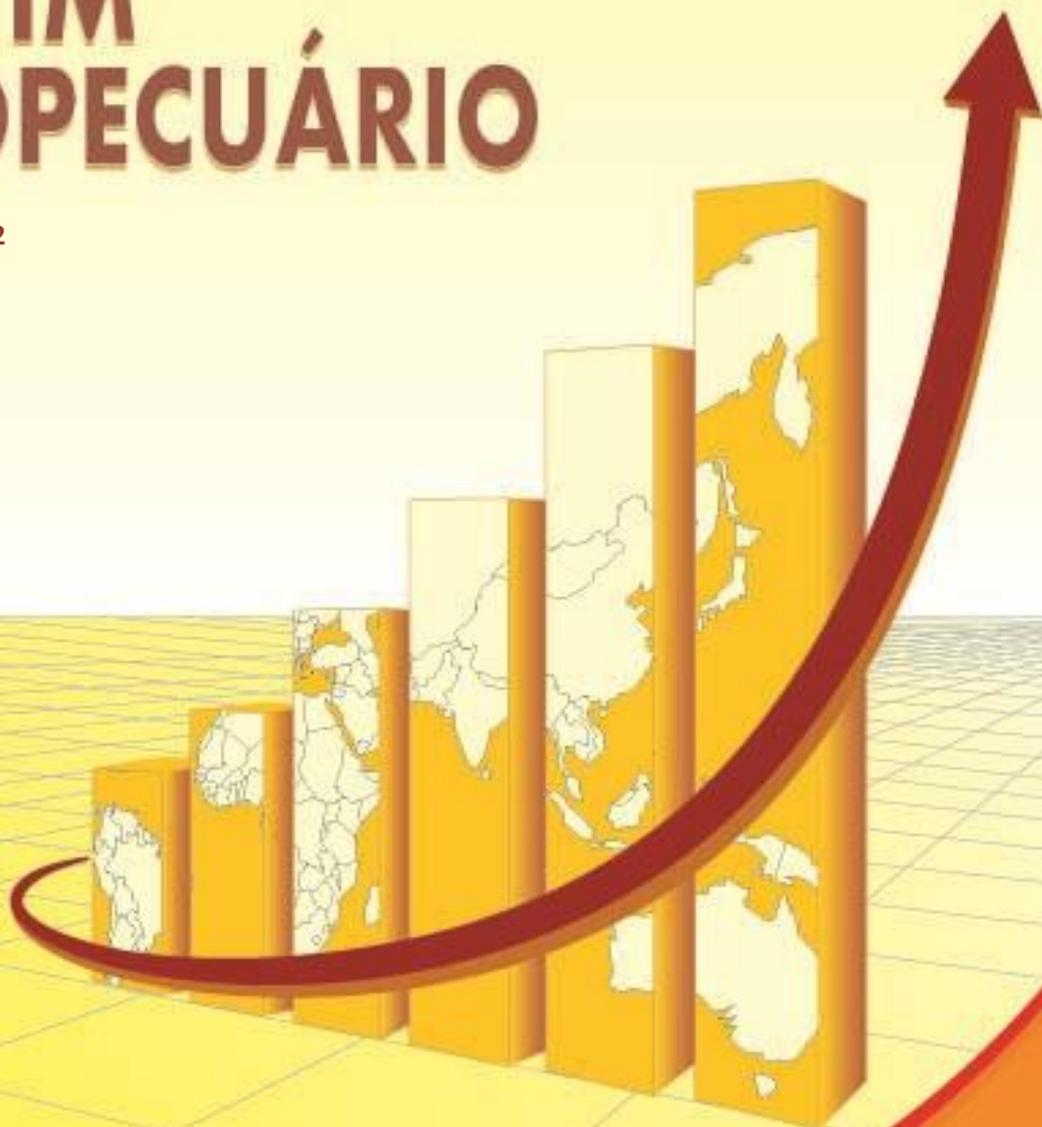


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Novembro/2016 – Nº 42





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/DEMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

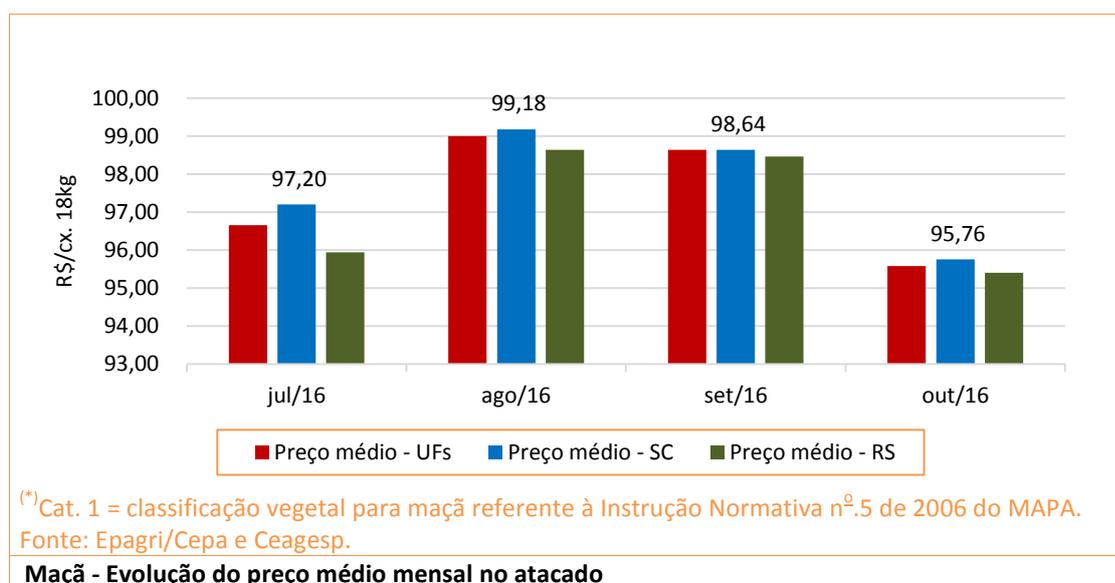
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	15
Soja	18
Trigo.....	20
Pecuária	23
Avicultura.....	23
Bovinocultura	27
Suinocultura.....	31
Leite	35

Fruticultura

Maçã

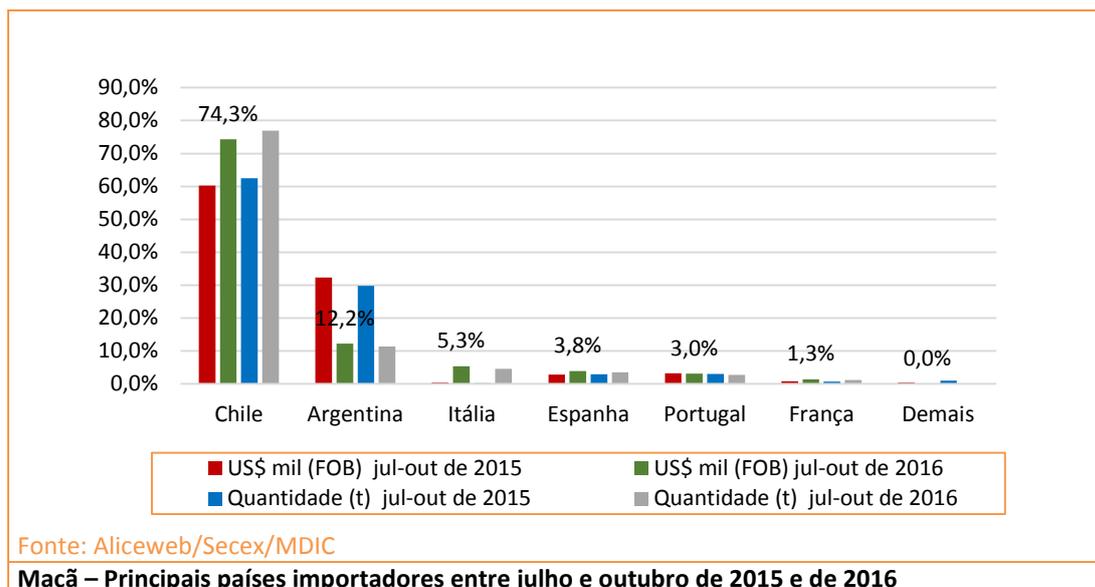
Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



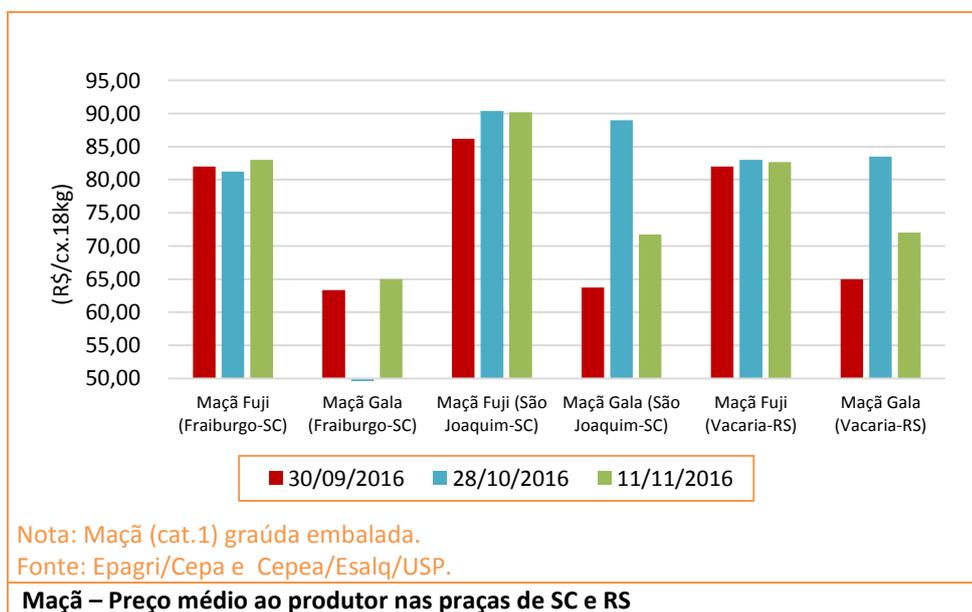
A partir de agosto, a cotação da fruta catarinense segue tendência decrescente, com cotação em outubro 2,8% menor que a de setembro. Isso se deve ao final do estoque de maçã Gala e à manutenção da concorrência da fruta importada com preços semelhantes aos da fruta nacional. Entre janeiro e outubro de 2016 houve valorização de 11% no preço da maçã (cat.1), como resultado dos baixos estoques do início do ano e a pouca oferta de cat.1 no mercado nacional.

Em 2016, na Ceagesp, o volume negociado de maçã catarinense, entre janeiro e outubro, representou 61% do total, com mais de 43 mil toneladas só no entreposto paulistano, gerando cerca de R\$232 milhões. Entre agosto e outubro a quantidade catarinense negociada diminuiu em 25,5% com a forte concorrência das frutas de caroço comum neste período.

Com os estoques finalizados é aguardada a colheita das frutas precoces no final de novembro. Mas, eventos climáticos ocorridos nas praças de Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS) podem afetar a colheita nacional. Os preços permanecem elevados, com relação a 2015, e há expectativa de manutenção das cotações atuais com a colheita de frutas precoces de maior calibre que as da safra 2015/16.



Entre julho e outubro de 2016, a importação de maçãs foi incentivada pelo baixo estoque da fruta nacional e pelas cotações similares das maçãs estrangeiras e brasileiras. Com aumento na quantidade importada em 227%, no período, o Chile negociou mais de 51 mil toneladas gerando mais de US\$ 43,5 milhões. Outro destaque no período foi a maçã importada da Itália com uma participação de 5,3% do valor negociado, sendo que em 2015 representava apenas 0,3% do valor total importado da fruta.



Em Fraiburgo o preço recebido da Gala (cat.1) nas classificadoras valorizou com frutas de melhor qualidade (AC) com o escoamento final do estoque. Início da colheita das variedades precoces previsto para o final de novembro.

Em São Joaquim, a maçã Fuji (cat.1) obteve as melhores cotações no mercado. Nos pomares as macieiras da variedade Gala, já em frutificação, apresentaram alta

incidência de queda dos frutos, podendo ocasionar perdas na safra 2016/17.

Em Vacaria (RS) houve manutenção das cotações da maçã Fuji junto às empresas e cooperativas. Nos pomares de maçã Gala há expectativa de perdas devido ao granizo que atingiu algumas lavouras no final de outubro; e à ocorrência de abortamento de frutos atípico para o período, em novembro.

Maçã – Comparativo da safra 2015/16 e estimativa de safra 2016/17 – Santa Catarina

Principais MRG com cultivo de maçã	Safra 2015/16 ⁽¹⁾ (Epagri/Cepa)			Estimativa inicial 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa atual 2016-17 (Epagri/Cepa)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)
Joaçaba	3.284	119.163	36.286	3.287	128.829	39.190	3.287	128.829	39.190
Canoinhas	162	4.768	29.432	159	4.558	28.713	159	4.558	28.713
Curitibanos	1.007	38.698	38.429	1.008	38.682	38.375	1.008	38.682	38.375
Campos de Lages	11.939	389.584	32.631	11.963	419.186	35.041	11.963	398.226	33.288
Outras	6	46	7.667	6	37	6.275	6	37	6.275
Total	16.398	552.259	33.678	16.423	591.292	36.004	16.423	570.332	34.728

⁽¹⁾ Na safra são consideradas as perdas do segundo semestre de 2015.

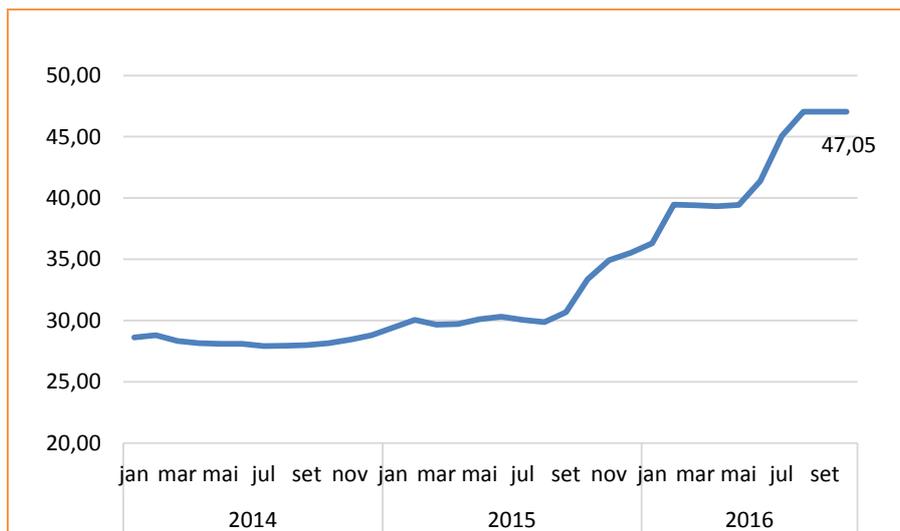
Fonte: Epagri/Cepa (2016).

Nas principais microrregiões produtoras, de Joaçaba e Campos de Lages, é esperada redução de cerca de 5% na estimativa de produção para a safra 2016/17. Em outubro, além da ocorrência de granizo em algumas localidades, alguns pomares em áreas abaixo de 1.200 metros de altitude que estavam no período de desenvolvimento dos frutos apresentaram queda de frutos acima da esperada para o período. Um grupo de técnicos da Epagri e da Embrapa, além de representantes da AMAP e ABPM, consideram a possibilidade do abortamento dos frutos ser resultado de: fatores cumulativos relacionados à baixa reserva acumulada pela planta no final do ciclo; ao acúmulo de horas frio no inverno, ocasionando brotação e floração simultâneas; como também, ao balanço negativo de carboidratos no período de polinização e frutificação efetivas, principalmente no cultivar Gala.

Grãos

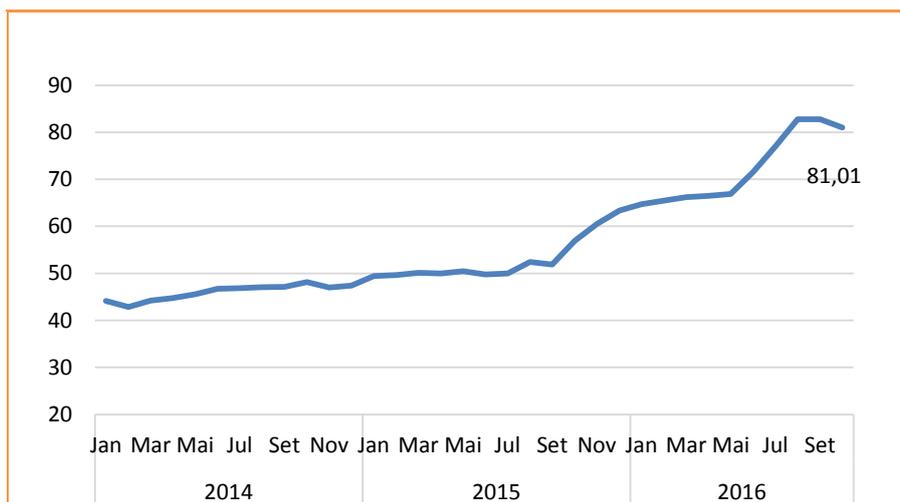
Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

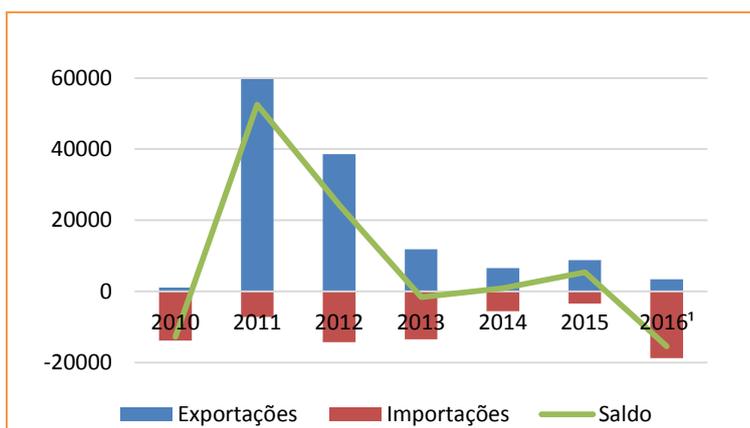
Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (Jan./2014 a Out./2016) – R\$/sc 50kg



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (Jan./2010 a Out./2016) – R\$/fardo 30kg

Os preços médios ao produtor em Santa Catarina continuaram em alta no mês de outubro de 2016, fechando em R\$47,05. Boa parte dessa alta é explicada pela sazonalidade dos preços, uma vez que o plantio iniciou no Estado e a oferta do grão é reduzida. Apesar disso, o comportamento observado nos preços em 2016 foi atípico e fortemente influenciado pela quebra de safra ocorrida principalmente no Rio Grande do Sul e em parte em Santa Catarina. Espera-se que eles não continuem nesse patamar, uma vez que já começam a apresentar sinais de estabilidade e até queda em algumas regiões. Isso se deve à expectativa de recuperação da safra no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o que aumenta a oferta do grão no mercado e leva à redução dos preços. No atacado, o preço do arroz beneficiado atingiu a marca de R\$81,01 para o fardo de 30kg, cerca de 2,3% menor em relação ao mês de setembro, os quais também são influenciados pelo período de entressafra do grão no Estado para essa época do ano e devem seguir a tendência de queda observada no preço ao produtor.



Fonte: Secex/MDIC.

Nota: ¹ Total acumulado de janeiro a outubro de 2016.

Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas

No que se refere ao comércio internacional de arroz em Santa Catarina, observou-se um crescimento expressivo das importações até outubro de 2016, totalizando 18 mil toneladas de grãos importados. Esse aumento expressivo das importações se deu com o intuito de suprir a necessidade da indústria, haja vista a quebra significativa de safra e a consequente redução da oferta interna. As entradas de arroz tiveram origem principalmente no Paraguai e Uruguai, pela facilidade de comércio, proximidade dos países e características semelhantes às procuradas pelo consumidor brasileiro. Do lado das exportações, o mercado interno, aquecido pela escassez do

produto, fez com que os produtores exportassem pouco, embora nos últimos anos essas exportações venham reduzindo significativamente. Esses fatores somados resultaram em um saldo da balança comercial negativo e inferior ao observado em 2010, menor patamar observado nos últimos sete anos.

Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

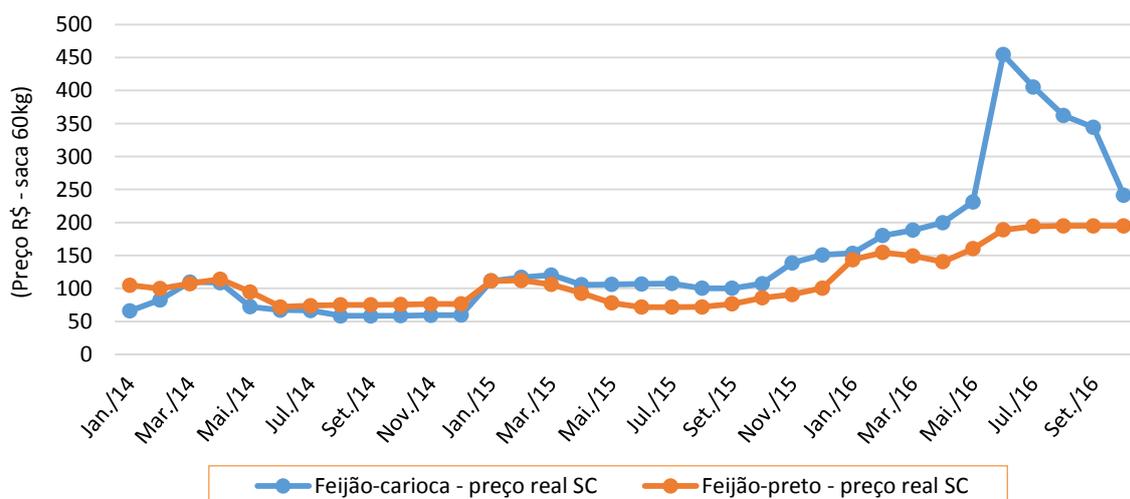
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51454	364913	7092	51454	366832	7129	0,00	0,53	0,53
Blumenau	8208	65441	7973	8379	67138	8013	2,08	2,59	0,50
Criciúma	20625	148165	7184	20625	149757	7261	0,00	1,07	1,07
Florianópolis	2895	16336	5643	3095	17336	5601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9088	59997	6602	9261	68561	7403	1,90	14,27	12,14
Ituporanga	259	1554	6000	259	2072	8000	0,00	33,33	33,33
Joinville	19655	126509	6436	19736	166576	8440	0,41	31,67	31,13
Rio do Sul	10684	77324	7237	10707	90992	8498	0,22	17,68	17,42
Tabuleiro	125	1050	8400	146	1238	8479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2690	20300	7546	2690	20300	7546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21025	158508	7539	21025	159285	7576	0,00	0,49	0,49
Santa Catarina	146708	1040097	7090	147377	1110087	7532	0,46	6,73	6,24

Fonte: Epagri/Cepa.

Com relação à produção, na safra 2015/16 observou-se uma quebra de quase 6% da produção, principalmente pela redução de cerca de 5% na produtividade, em relação à safra anterior. Os fatores climáticos desencadeados pelo fenômeno El Niño, que causou excesso de chuvas, baixa luminosidade e consequentemente, ocorrência de pragas e doenças, foram as principais causas da quebra da produção, ocorrida no Norte Catarinense e no Alto Vale. Para a safra 2016/17, é esperado um aumento de 0,46% da área plantada, 6,73% da produção e 6,24% do rendimento médio em relação à safra anterior. Como as áreas de arroz no Estado são consolidadas, salienta-se que esse crescimento da produção reflete uma recuperação da produção já obtida por Santa Catarina e um leve aumento da produtividade em razão do clima favorável à produção do grão. Atualmente o plantio do grão encontra-se finalizado no Estado.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI (outubro/2016 = base 100)

Fonte: Epagri/Cepa

Feijão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de feijão-carioca em Joaçaba, SC, e feijão-preto em Chapecó, SC - jan./2014 a out./2016.

Os preços pagos ao produtor de feijão-carioca despencaram no mês de outubro e, em Santa Catarina, a queda foi de cerca de 30% em relação ao mês de setembro. Em outubro o preço médio pago ao produtor pela saca de 60kg do feijão-carioca foi de R\$ 241,04 (praça de Joaçaba,SC), enquanto em setembro por essa mesma saca foi pago R\$ 344,29. Já o preço da saca de 60kg de feijão-preto permaneceu inalterado no mesmo período. O mercado atacadista de São Paulo se manteve calmo na semana de 07 a 11/11. Os preços da saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0, por exemplo, oscilaram de R\$ 220,00 no início da semana a R\$192,50 no final da semana. Boa parte do feijão que hoje abastece o mercado paulista tem como origem Minas Gerais e Goiás. O feijão paulista ainda não tem contribuído para o abastecimento do mercado atacadista em função das chuvas que atingiram a região e interromperam a colheita. As cotações nos próximos dias serão ditadas pelo ritmo de colheita da safra paulista, que deve se intensificar assim que as chuvas permitirem. Quanto ao feijão-preto, o mercado segue calmo, com tendência de queda. A partir de janeiro, com o início da colheita da safra paranaense, acreditamos que o mercado deve voltar a se aquecer.

Feijão Carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$)	Preço (R\$)	Variação Mensal (%)
	Set./2016	Out./2016	
Santa Catarina ⁽¹⁾	344,29	241,05	-29,99
Paraná	354,81	251,29	-29,18
Minas Gerais	323,14	236,57	-26,79
Espírito Santo	396,67	250,00	-36,98
Bahia	349,94	242,10	-30,82
Goiás	313,04	216,10	-30,97

⁽¹⁾ praça de referência Joaçaba.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraído em 11/11/2016).

O preço do feijão-carioca continuou em queda no mês de outubro em todo o País. Espírito Santo, Goiás e Bahia tiveram as maiores quedas, acima de 30% no mês. O mercado deve voltar a reagir a partir de janeiro, com a entrada de produto da nova safra da Região Sul, sobretudo a safra do Paraná, que espera colher nesta primeira safra 2016/17 cerca de 370.170 toneladas de feijão, número que representa um crescimento de 26% com relação ao que foi produzido na safra 2015/16.

Feijão Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$)	Preço (R\$)	Variação Mensal (%)
	Set./2016	Out./2016	
Santa Catarina ⁽¹⁾	195,00	195,00	0,00
Espírito Santo	328,33	363,75	10,79
Goiás	290,00	282,50	-2,59
Paraná	225,26	222,28	-1,32
Rio de Janeiro	276,88	276,25	-0,23
Rio Grande do Sul	174,04	213,21	22,51

⁽¹⁾ Praça de referência Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraído em 11/11/2016).

O mercado do feijão-preto permaneceu calmo no último mês. A expectativa agora é para a nova safra que começa a ser colhida. Segundo a Conab, das 1.157,1 mil toneladas de feijão preto que o País deverá produzir nessa primeira safra, cerca de 317 mil toneladas (27%) deverão ser de feijão-preto. Em Santa Catarina, cerca de 37,7% do feijão primeira safra deverá ser de feijão-preto.

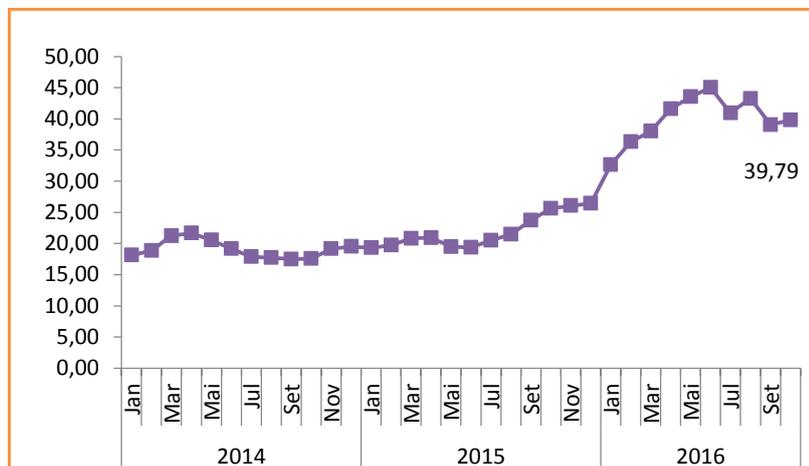
Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa atual da safra 2016/17									
Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	150	146	970	148	156	1.054	-1	7	9
Blumenau	328	328	1.000	164	164	1.000	-50	-50	0
Campos de Lages	9.720	19.541	2.010	9.320	17.936	1.924	-4	-8	-4
Canoinhas	5.570	8.452	1.517	6.700	12.830	1.915	20	52	26
Chapecó	1.746	2.953	1.691	2.172	3.892	1.792	24	32	6
Concórdia	514	527	1.025	415	570	1.373	-19	8	34
Criciúma	354	464	1.312	454	607	1.337	28	31	2
Curitibanos	15.600	27.529	1.765	11.595	23.867	2.058	-26	-13	17
Florianópolis	280	370	1.321	140	185	1.321	-50	-50	0
Itajaí	19	22	1.158	12	8	667	-37	-64	-42
Ituporanga	500	412	824	959	2.162	2.254	92	425	174
Joaçaba	4.288	7.429	1.733	3.753	7.052	1.879	-12	-5	8
Joinville	28	20	714	14	10	714	-50	-50	0
Rio do Sul	620	444	716	536	978	1.825	-14	120	155
São Bento do Sul	430	540	1.256	300	450	1.500	-30	-17	19
São M. do Oeste	992	1.427	1.439	1.082	1.896	1.752	9	33	22
Tabuleiro	970	1.088	1.122	485	544	1.122	-50	-50	0
Tijucas	468	621	1.327	184	213	1.158	-61	-66	-13
Tubarão	1.002	1.357	1.354	986	1.454	1.474	-2	7	9
Xanxerê	4.855	10.521	2.167	5.535	12.760	2.305	14	21	6
Santa Catarina	48.434	84.190	1.738	44.954	87.733	1.952	-7	4	12

Fonte: Epagri/Cepa (outubro/2016), IBGE/LSPA - SC (setembro/2016).

Em outubro atualizamos os números referentes à expectativa atual para a safra de feijão 1ª safra (2016/17) em Santa Catarina. Com praticamente 44% da área destinada ao plantio da oleaginosa já semeada, e cerca de apenas 2% em fase de floração, a expectativa é de que sejam colhidos nesta primeira safra cerca de 87.733 toneladas, com um rendimento médio de 32,5 sacas/ha, ou seja, 12% superior em comparação ao da safra passada. Esse percentual de plantio deve evoluir mais rapidamente, quando as áreas de Curitibanos, Lages e Joaçaba intensificarem as operações de semeadura, o que deve ocorrer nos próximos dias. Nesta safra, o clima tem sido um aliado dos produtores, com um bom regime de chuvas e temperatura adequada, a cultura se desenvolve com boas condições agrônômicas. Até o momento, não temos informação de ataques da praga mosca-branca (*Bemisia tabaci*), considerada atualmente uma das mais importantes pragas do feijoeiro. Nesta safra, os estados de Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão. O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Neste período apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. No caso do feijão, a eliminação de plantas vivas neste período evita que o inseto se mantenha ativo e provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta.

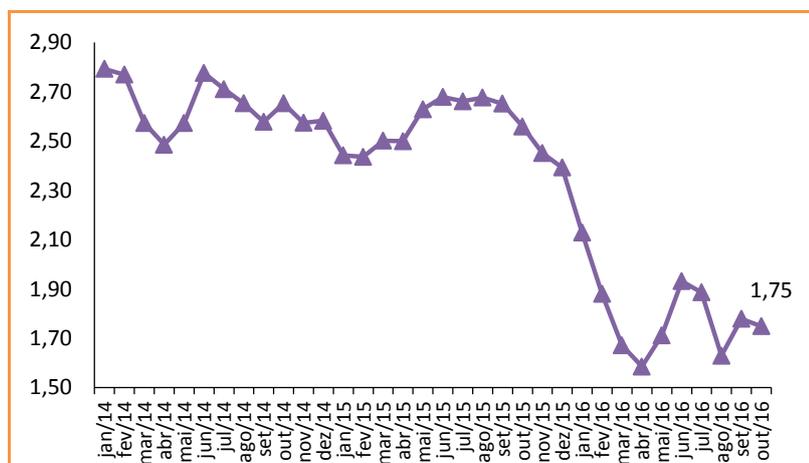
Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina – Jan. 2014 a Out. 2016



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

O preço médio do milho em Santa Catarina no mês de outubro de 2016 sofreu uma leve queda em relação aos meses anteriores, fechando em R\$39,79. A boa safra estimada para Estados Unidos, Argentina e China, apresentadas pelo USDA, e a expectativa de que no Brasil seja uma safra normal influenciam diretamente os preços, que devem ficar abaixo dos observados na última safra. No estado de Santa Catarina, o avanço do plantio que seguiu seu ritmo normal, apesar da escassez de chuva em algumas regiões e a expectativa de boa produtividade, resultado de maior investimento em sementes de alta tecnologia, também exercem pressão de baixa nos preços do Estado. No entanto, salienta-se que o fator climático ainda pode surpreender o mercado, podendo elevar os preços caso haja uma quebra de safra decorrente da irregularidade das chuvas previstas para este ano. Outro fator a que se deve ficar atento é o dólar. A alta do dólar na última semana, como resultado das incertezas geradas no mercado após as eleições americanas, se mantida, pode tornar o mercado externo atrativo para o produtor e influenciar as exportações, o que

reduziria a oferta interna e, conseqüentemente, aumentaria os preços. Contudo, com o abrandamento do discurso feito pelo presidente americano eleito, a expectativa é que não ocorram altas significativas do dólar, comparativamente ao real.

Apesar da queda observada, em Santa Catarina os preços do milho no último mês, comparativamente aos da soja, cresceram mais e resultaram em uma equivalência de preços favorável ao produtor de milho. No entanto, essa equivalência favorável não foi suficiente para o crescimento significativo esperado da produção de milho no Estado. A soja continua sendo um artigo de alta liquidez e a tendência é que os sojicultores não arrisquem grande parte de sua área na produção de milho.

Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7516	40135	5340	8067	43834	5434	7,33	9,22	1,76
Blumenau	1673	6400	3825	1567	5967	3808	-6,34	-6,77	-0,46
Campos de Lages	35500	233622	6581	35160	259926	7393	-0,96	11,26	12,34
Canoinhas	30500	266270	8730	34000	316110	9297	11,48	18,72	6,50
Chapecó	61314	530621	8654	63180	455543	7210	3,04	-14,15	-16,68
Concórdia	31140	211666	6797	28120	198748	7068	-9,70	-6,10	3,98
Criciúma	7833	47141	6018	8206	50150	6111	4,76	6,38	1,55
Curitibanos	19848	182149	9177	19608	195586	9975	-1,21	7,38	8,69
Florianópolis	619	2299	3714	619	2299	3714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3685	53	196	3698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10080	61600	6111	11220	77044	6867	11,31	25,07	12,36
Joaçaba	55552	443751	7988	59384	540874	9108	6,90	21,89	14,02
Joinville	390	1284	3292	340	1160	3412	-12,82	-9,66	3,63
Rio do Sul	19450	111432	5729	20060	121063	6035	3,14	8,64	5,34
São Bento do Sul	5500	44750	8136	5000	40900	8180	-9,09	-8,60	0,54
São Miguel do Oeste	45640	282792	6196	45890	335142	7303	0,55	18,51	17,87
Tabuleiro	3505	11968	3415	3457	11801	3414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1690	6237	3691	1705	6764	3967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6381	37431	5866	5752	34388	5978	-9,86	-8,13	1,92
Xanxerê	23500	207534	8831	24592	225964	9189	4,65	8,88	4,05
Santa Catarina	367685	2729281	7423	375980	2923458	7776	2,26	7,11	4,75

Fonte: Epagri/Cepa.

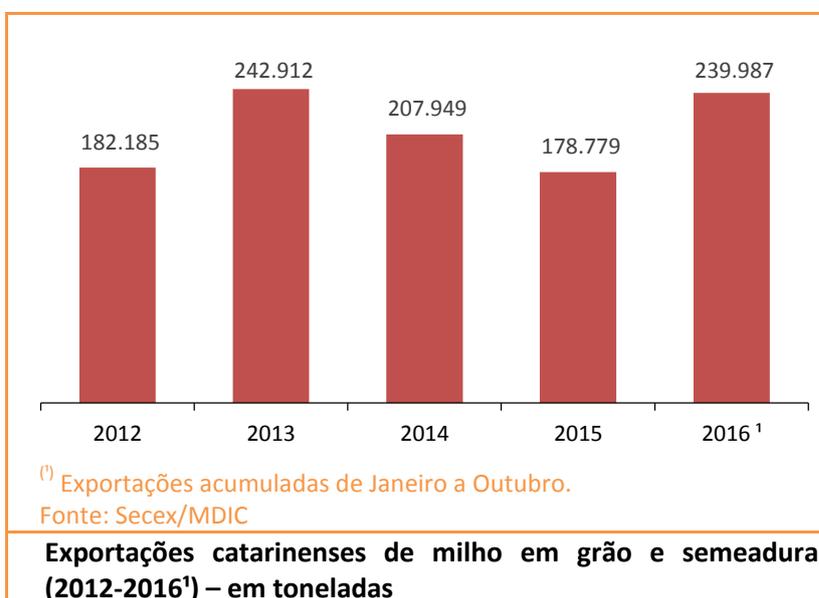
Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4870	156845	32206	4917	157672	32067	0,97	0,53	-0,43
Blumenau	1797	69865	38879	1824	70895	38868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5320	220250	41400	6110	251250	41121	14,85	14,07	-0,67
Canoinhas	3800	140000	36842	4000	149250	37313	5,26	6,61	1,28
Chapecó	58800	2416709	41100	57395	2329814	40593	-2,39	-3,60	-1,24
Concórdia	18280	737800	40361	24580	974100	39630	34,46	32,03	-1,81
Criciúma	3574	141177	39501	3691	145801	39502	3,27	3,28	0,00
Curitibanos	2550	99680	39090	2550	99680	39090	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	326	13510	41442	331	13700	41390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1800	30000	61	1827	29951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2580	108800	42171	2400	99000	41250	-6,98	-9,01	-2,18
Joaçaba	15100	661100	43781	15400	673250	43718	1,99	1,84	-0,15
Rio do Sul	14830	527010	35537	15380	549850	35751	3,71	4,33	0,60
São Miguel do Oeste	47190	1613840	34199	45870	1750700	38167	-2,80	8,48	11,60
Tabuleiro	1320	70950	53750	1339	71998	53770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2470	71020	28753	2506	72050	28751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	10596	390870	36888	10688	365546	34202	0,87	-6,48	-7,28
Xanxerê	17120	749300	43768	16070	692050	43065	-6,13	-7,64	-1,61
Santa Catarina	210583	8190526	38895	215112	8468433	39368	2,15	3,39	1,22

Fonte: Epagri/Cepa.

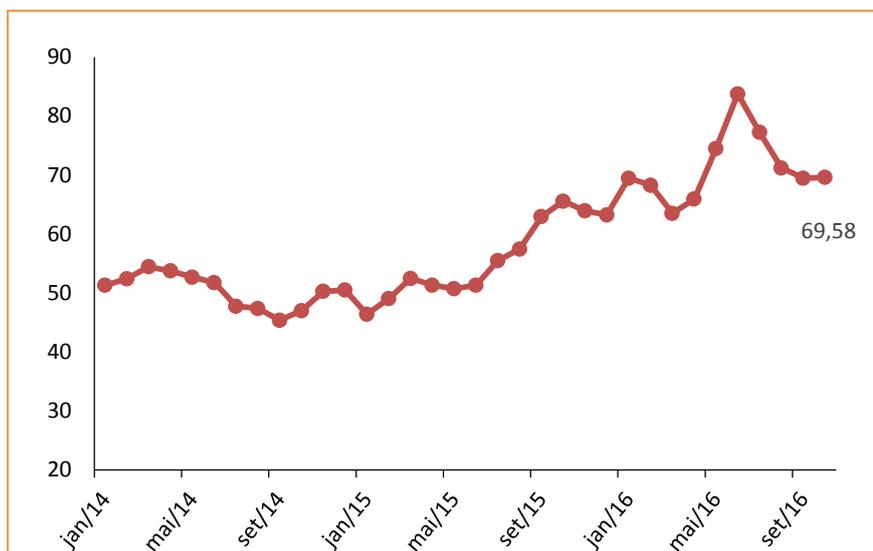
A produção de milho em Santa Catarina na última safra sofreu com os problemas climáticos desencadeados pelo El Niño. Tais problemas resultaram em uma produção cerca de 16% menor na safra 2015/16 em relação à 2014/15. Para a safra 2016/17 a expectativa é que a área de milho grão seja 2,26% maior em relação à safra passada. Essa estimativa é um pouco superior à estimativa inicial divulgada pela Epagri/Cepa em setembro, um reflexo do bom momento vivido pelo produtor no mercado interno. Atualmente cerca de 88% do milho da primeira safra já foi semeado no Estado, e em algumas regiões, como o Sul Catarinense, o Planalto Norte e o Oeste Catarinense, onde se encontram as maiores áreas, o plantio já está encerrado e, portanto, as áreas estão consolidadas. A expectativa é que a área de milho grão seja equivalente a 376 mil hectares e resulte em uma produção de 2,9 milhões de toneladas. Essa produção ainda não é suficiente para abastecer o mercado interno, que hoje ultrapassa 6 milhões de toneladas, mas reduz um pouco a dependência de outros estados. Para o milho silagem, observa-se um crescimento de 2,15% em relação à safra 2015/16. Esse crescimento é observado principalmente no Oeste Catarinense, no Meio-Oeste e na Região Serrana, acompanhando o crescimento da produção leiteira no Estado. A expectativa é que a área destinada à produção de milho silagem seja de 215 mil hectares e a produção de 8 milhões de toneladas.

As exportações catarinenses de milho, de janeiro a outubro de 2016, atingiram a marca de 240 mil toneladas, cerca de 34% acima do que foi exportado em todo o ano de 2015. Apesar do mercado interno aquecido, o mercado externo proporcionou maiores ganhos e atraiu o produtor, resultando em volume expressivo das exportações em 2016. Em outubro de 2016 foram exportadas aproximadamente 31 mil toneladas, maior marca observada nos últimos três anos. A expectativa é que as exportações sejam significativas em novembro, reflexo dos compromissos assumidos no mercado futuro e, a partir daí, devam reduzir.



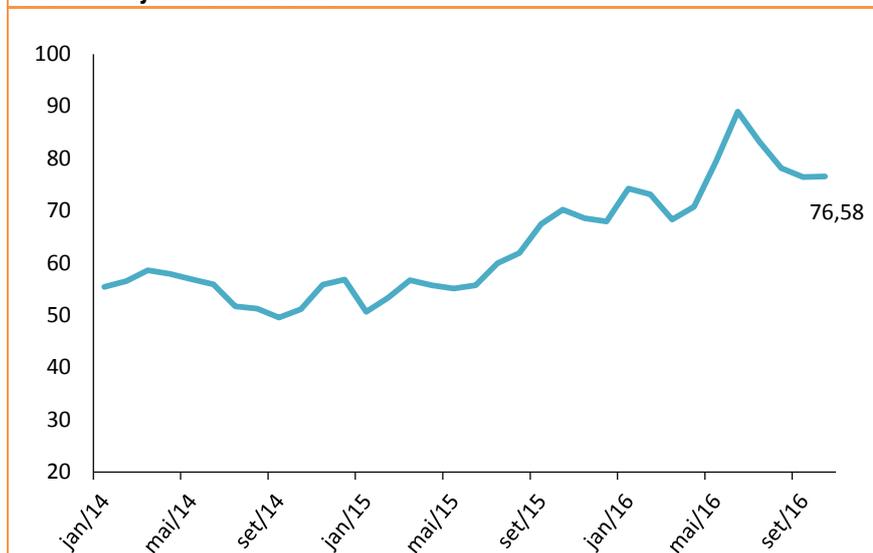
Soja

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, Santa Catarina – jan. 2011- out. 16



Fonte: Epagri/Cepa.

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão no atacado, Santa Catarina – jan. 2011- out. 16

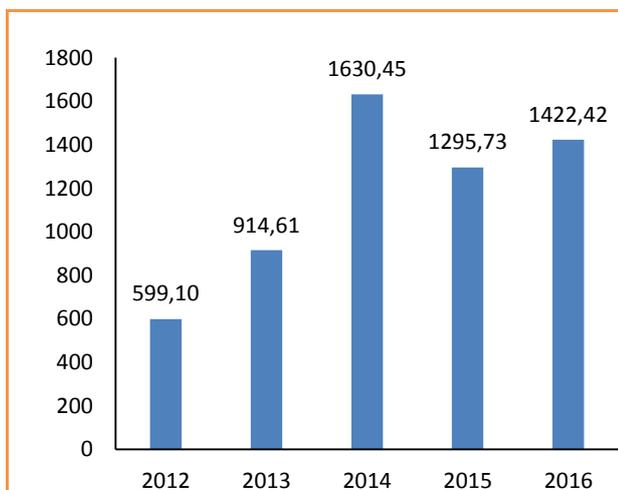
O preço médio mensal de soja apresentou comportamento crescente na última safra e atingiu seu ápice em junho de 2016, passando a decrescer nos últimos meses. Entre as causas do aumento dos preços estão a frustração de safra na Argentina, a procura por farelo de soja para produção de ração e o aquecimento do mercado externo, que impulsionou as exportações, com consequente redução da oferta interna. Contudo, a expectativa de safra recorde nos Estados Unidos, conforme divulgado nos relatórios do USDA, o aumento significativo da safra nacional e o aquecimento dos mercados interno e externo tendem a pressionar os preços para baixo provocando comportamento decrescente dos preços nos últimos meses. Em Santa Catarina, os preços de outubro de 2016 foram cerca de 0,17% maiores em relação a setembro de 2016, mas cerca de 17% menores que o preço de junho, onde foi registrado o maior preço do ano. Comparado ao milho, o preço da soja tem se valorizado menos, resultando em uma equivalência de preços favorável ao produtor de milho. No entanto, o mercado de soja

continua atrativo e essa relação de equivalência não foi suficiente para que o sojicultor migrasse em grande proporção para a produção de milho no Estado. O preço no atacado apresentou comportamento semelhante ao preço ao produtor e começa a apresentar sinais de redução nos últimos meses.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2016/17									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60430	201440	3333	58900	189740	3221	-2,53	-5,81	-3,36
Canoinhas	133320	456456	3424	129500	459500	3548	-2,87	0,67	3,64
Chapecó	91575	262779	2870	90739	271946	2997	-0,91	3,49	4,44
Concórdia	4235	13290	3138	5890	19203	3260	39,08	44,49	3,89
Curitibanos	103645	358894	3463	107180	415920	3881	3,41	15,89	12,07
Ituporanga	6350	21265	3349	6940	24246	3494	9,29	14,02	4,33
Joaçaba	57905	207558	3584	56030	212871	3799	-3,24	2,56	5,99
Rio do Sul	3375	10941	3242	4200	14730	3507	24,44	34,63	8,19
São B. do Sul	10400	34320	3300	10500	33900	3229	0,96	-1,22	-2,16
S. M. do Oeste	36270	108882	3002	35970	108938	3029	-0,83	0,05	0,89
Xanxerê	140000	448763	3205	138550	450669	3253	-1,04	0,42	1,48
Santa Catarina	647505	2124588	3281	644399	2201663	3417	-0,48	3,63	4,13

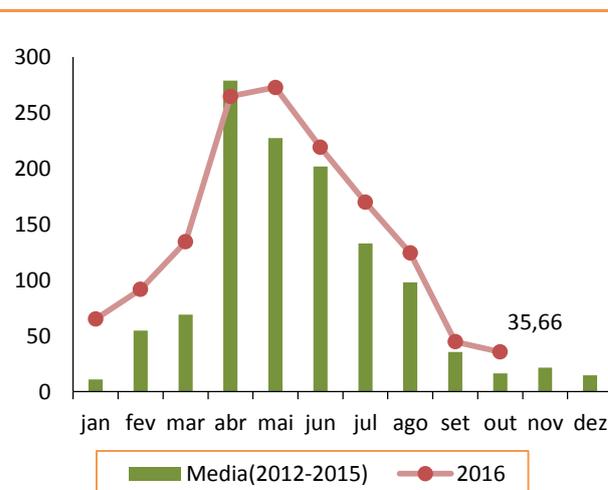
Fonte: Epagri/Cepa.

No que se refere ao comportamento da safra 2016/17 no Estado, a expectativa é que a área presente leve redução, -0,48%, em relação à safra anterior. Contudo, a produção deverá crescer em 3,63%, influenciada pelo aumento da produtividade que, permanecendo as condições favoráveis do tempo, deverá aumentar em 4,13%. Atualmente 53,17% da soja já foi plantada em Santa Catarina e em algumas regiões já está em estágio final de plantio, ultrapassando 70% no Oeste Catarinense. Ao que tudo indica esta será uma boa safra de soja no Estado.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2016), em mil toneladas



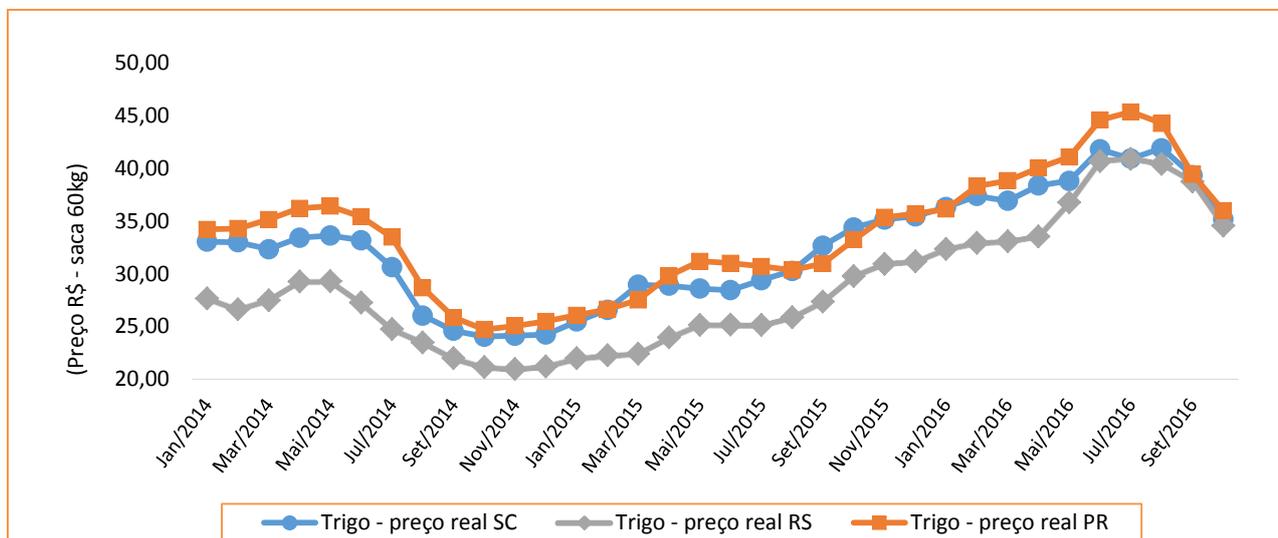
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2016), em mil toneladas

As exportações de soja em Santa Catarina nos últimos meses também foram mais expressivas em relação à média dos últimos quatro anos. No acumulado de janeiro a outubro, as exportações catarinenses ultrapassaram o volume exportado em 2015, totalizando 1,4 milhões de toneladas. As exportações de Santa Catarina concentram-se nos meses de abril a agosto, mas em outubro o volume exportado pelo Estado ultrapassou a média dos últimos anos para o mês, indicando a atratividade do mercado externo.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (outubro/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de trigo grão – Santa Catarina (jan./2014 a out./2016)

Em outubro os preços pagos ao produtor de trigo voltaram a cair. Em Santa Catarina, a saca de 60kg foi comercializada ao preço médio de R\$39,16, cerca de 12% a menos que no mês de setembro. Os preços atualmente praticados no Estado estão muito próximos ao preço mínimo fixado pelo Ministério da Agricultura para a Região Sul, que é de R\$38,65/saca de 60kg. No restante do País a tendência é de queda, a maioria dos moinhos estão trabalhando com estoques velhos da safra passada, e a nova safra que está sendo colhida ainda não está sendo comercializada, mesmo porque os produtores estão aguardando alguma mudança nesse cenário de baixa, para então disponibilizarem sua produção no mercado. Em Santa Catarina, cerca de 23,5% da safra já foi colhida, com o ritmo de colheita se intensificando nas próximas semanas, mesmo porque os produtores estão buscando liberar as áreas de trigo para o semeadura de soja. No cenário internacional a Rússia colheu uma super safra, e os preços no mercado internacional não devem subir.

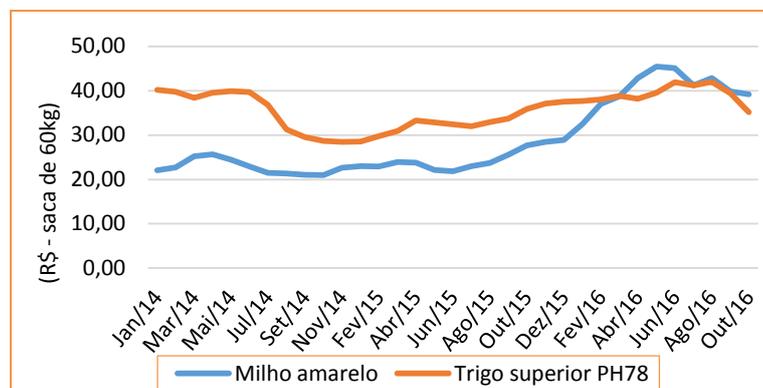
Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg

Estado	Set./2016	Out./2016	variação (%)
Santa Catarina	39,90	35,16	-11,88
Paraná	39,49	35,97	-8,91
Rio Grande do Sul	38,80	34,55	-10,95
São Paulo	48,51	45,02	-7,19
Minas Gerais	48,50	49,15	1,34
Mato Grosso do Sul	45,00	37,70	-16,22

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Os preços em queda na maioria dos estados produtores são reflexos do cenário internacional de excesso de oferta de trigo. Com isso os moinhos estão buscando aquisições mais vantajosas, seja para trigo nacional ou importado. Na safra que está sendo colhida, ao que tudo indica, teremos trigo nacional com excelente qualidade. Esse quadro, aliado à redução do poder de compra dos consumidores, faz com que

não seja possível repassar aumento ao produto final (massa, pães e biscoitos), o que reduz as chances de melhores preços pagos aos produtores, pelo menos a curto prazo.



A relação de preço nominal entre o trigo e o milho foi desfavorável ao trigo no mês de outubro no Estado. O preço médio mensal do milho foi de R\$39,19/saca de 60kg, enquanto o trigo foi a R\$35,16/saca de 60kg, diferença de 11,5% em favor do milho.

Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Relação do preço médio mensal mensal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (jan./2014 a out./2016)

Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa atual da safra 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa Atual Safra - 2016/17			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30	54	1800	30	54	1800	0	0	0
Campos de Lages	1600	4520	2825	1750	6420	3669	9	42	30
Canoinhas	17380	26874	1546	14000	42684	3049	-19	59	97
Chapecó	18050	37749	2091	13925	37909	2722	-23	0	30
Concórdia	768	2031	2643	660	1844	2794	-14	-9	6
Curitibanos	10783	22473	2084	10648	40943	3845	-1	82	84
Ituporanga	550	672	1222	1720	4266	2480	213	535	103
Joaçaba	6415	12921	2014	4740	17424	3676	-26	35	83
Rio do Sul	110	126	1145	487	1338	2747	343	962	140
São Bento do Sul	220	396	1800	250	750	3000	14	89	67
São M. do Oeste	4207	6595	1568	3295	8347	2533	-22	27	62
Tijucas	40	6	150	48	96	2000	20	1500	1233
Xanxerê	15645	41666	2663	13605	37531	2759	-13	-10	4
Santa Catarina	75798	156082	2059	65158	199605	3063	-14	28	49

Fonte: Epagri/Cepa (outubro/2016), IBGE/LSPA - SC (setembro/2016).

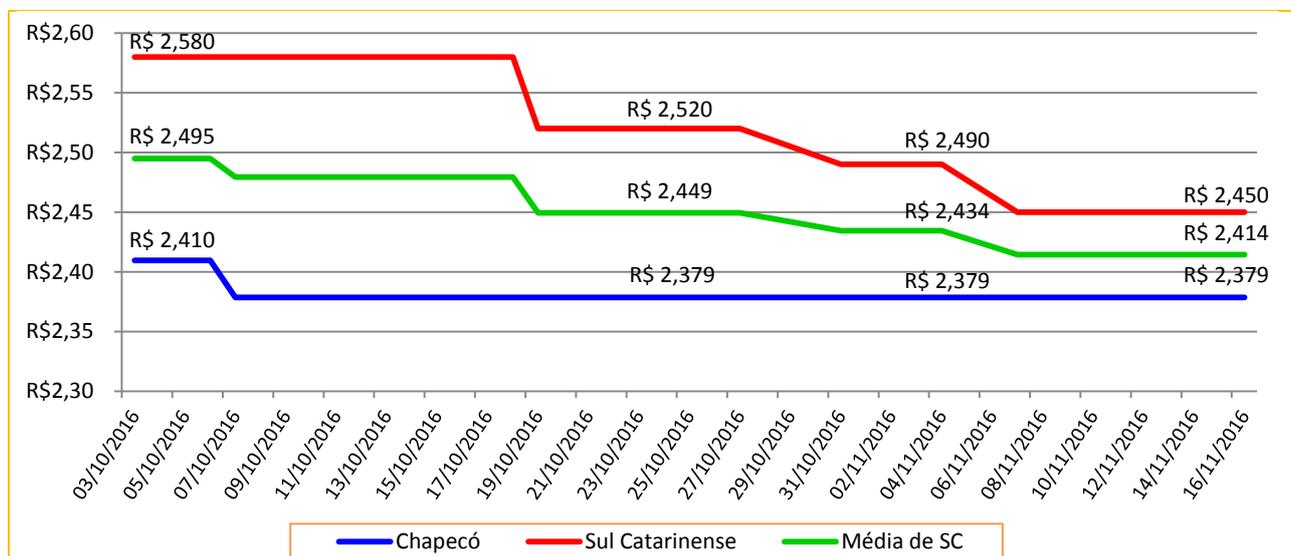
No último dia 10 de novembro se comemorou o dia nacional do trigo, momento oportuno para analisar as perspectivas para a cultura. Neste momento de preços baixos e excesso de oferta no mercado a melhor opção é estocar o produto para vender a partir de maio de 2017, quando os moinhos já tiverem esgotado os estoques velhos, passando a demandar o trigo desta safra. Para quem é produtor de trigo, a insegurança em relação às instabilidades climáticas e às oscilações de preço no mercado não é novidade. Um bom planejamento das áreas de plantio e a garantia de um bom seguro são fundamentais para que o produtor plante trigo com mais segurança. Em relação à atual safra, as estimativas de produção aumentaram no mês de outubro. Com aproximadamente 23,5% da safra colhida, a expectativa é de que a área plantada chegue a 65.158 hectares, número que representa um redução de área de cerca de 14% em relação à safra passada. Mesmo com redução de área, é esperado um aumento significativo na produção (aproximadamente 28%), passando de 156 para 199 mil toneladas, bem como um aumento no rendimento médio em torno de 49%. Nesta safra o clima tem colaborado, apesar de algum susto com a ocorrência e vendaval, que atingiu algumas lavouras no mês de outubro, as quais se recuperaram no decorrer da safra. Dessa forma, podemos afirmar que as condições climáticas foram muito favoráveis ao cultivo do trigo.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Dando continuidade ao movimento já abordado no Boletim Agropecuário nº 41, durante a segunda quinzena de outubro e primeira quinzena de novembro o preço médio estadual do frango vivo manteve a tendência de queda. Na comparação entre o preço recebido pelo produtor em 3 de outubro e em 16 de novembro, registra-se variação de -4,32% (média estadual). Em Chapecó a queda foi de 1,29%, concentrada no início do período analisado. A partir de então o preço permaneceu estável. O Sul Catarinense, por sua vez, apresentou queda mais significativa, que atingiu o índice de -5,04% e iniciou-se na segunda quinzena de outubro.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

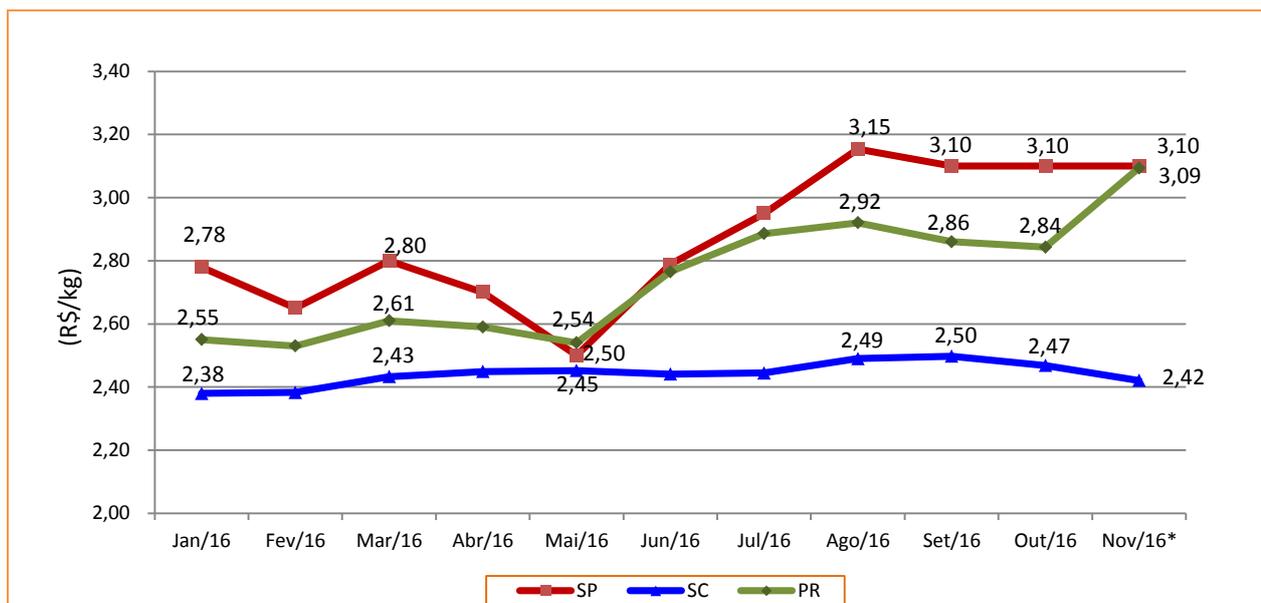
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 3/out. a 16/nov./2016

O comportamento do preço do frango em Santa Catarina é distinto daquele observado em outros dois importantes estados produtores (São Paulo e Paraná). Na comparação com outubro, o preço médio estadual (preliminar) do frango vivo em Santa Catarina apresenta queda de 1,92% no mês de novembro. Com as quedas registradas nos últimos dois meses, o preço de novembro é apenas 1,72% maior que aquele observado em janeiro deste ano. No entanto, em relação a novembro de 2015, o preço atual ainda é 13,42% superior.

Em São Paulo, após oscilações significativas durante o primeiro semestre e no início do segundo, passou-se a registrar estabilidade nos preços a partir de setembro. Na comparação com janeiro, o preço atual é 11,51% superior. Mas quando comparado a novembro de 2015, a diferença é de somente 0,32%.

Já no Paraná, depois de sucessivas variações negativas, este mês o preço do frango vivo voltou a subir. O aumento em relação ao mês anterior é de 8,83% até o momento. O preço de novembro é 21,34% superior ao de janeiro deste ano e 15,45% maior que aquele praticado em novembro de 2015.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

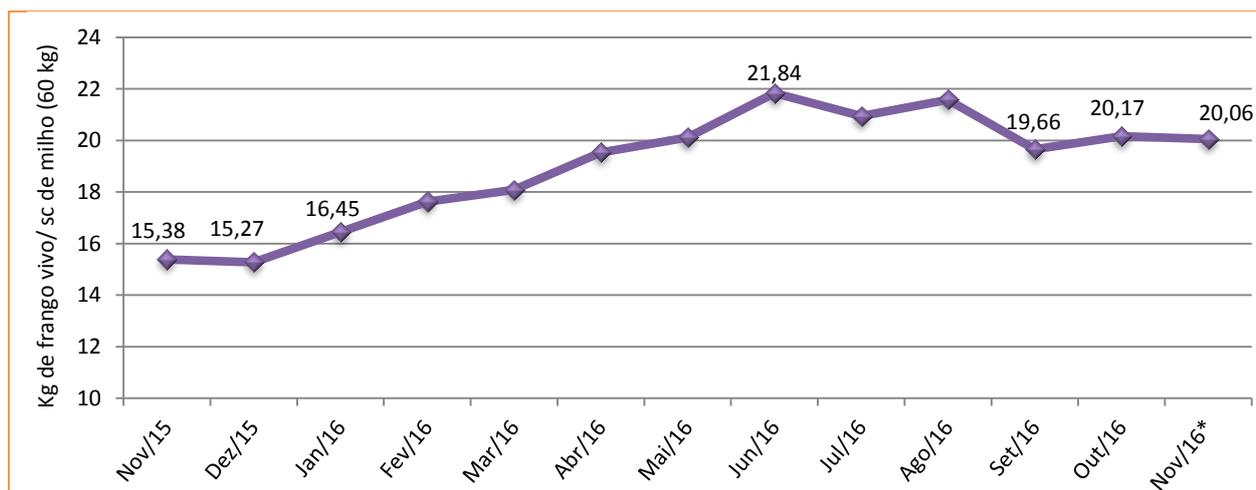
*Os dados para o mês de novembro são parciais, referentes ao período de 1º a 16/nov./16.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Jan. a Nov./16

Quanto à relação de troca insumo/produto, o valor preliminar de novembro manteve-se relativamente estável em relação ao mês anterior, variando apenas -0,43%. O valor atual é 30,58% superior ao mesmo mês de 2015 e 21,93% maior que janeiro do corrente ano.

Ressalta-se que, para cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se como referência o preço médio estadual do frango vivo e o preço de atacado do milho da praça de Chapecó, SC. Os preços de novembro de ambos os produtos são preliminares, podendo ocorrer alterações no decorrer da segunda quinzena do mês.



*Os dados do mês de novembro são parciais, relativos ao período de 1º a 16/nov./16.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

Não obstante a variação de -2,34% no preço do milho, a queda de 1,92% no preço do frango vivo fez com

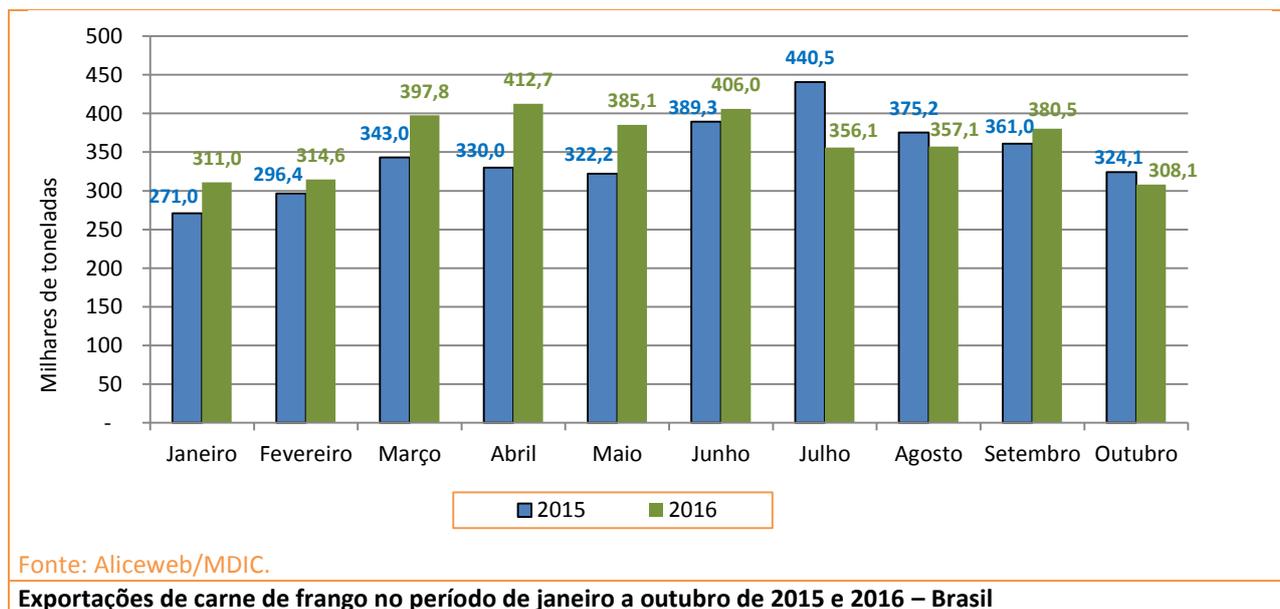
que o indicador apresentasse pouca variação em novembro.

Um dos fatores responsáveis pela redução observada no preço do milho no País é o preço internacional do produto, que recentemente apresentou baixas na Bolsa de Chicago. Tal situação é decorrente do aumento da projeção da safra estado-unidense do grão, em fase de colheita. Alguns analistas também atribuem o movimento ao resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos, que indicaria um cenário macroeconômico futuro de incertezas, estimulando a venda de contratos futuros.

Em relação ao mercado interno, o 2º Relatório de Acompanhamento de Safra 2016/17 publicado pela Conab continua apontando perspectiva de aumento na área plantada com milho. O milho 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção entre 4,7 e 10,4% superior à anterior. Destaca-se, contudo, que no relatório anterior a Conab estimava que o acréscimo ficaria entre 5,6% e 11,4%. Já para a 2ª safra o aumento de produção estimado pela Conab é de 37,7%.

As exportações de carne de frango, que vêm se constituindo num importante canal de escoamento dos excedentes não absorvidos pelo mercado interno, apresentaram considerável queda em outubro na comparação com setembro. No último mês o Brasil exportou 308,1 mil toneladas de carne de frango, uma queda de 19,03% em relação a setembro. Em termos de valor a queda foi de 20,71%, atingindo-se US\$501,3 milhões no mês. Em relação ao mesmo mês de 2015, o montante exportado em outubro deste ano representa uma queda de 4,95% na quantidade e 2,38% no valor.

Nos 10 primeiros meses de 2016 já foram exportados 3,26 milhões de toneladas, que geraram US\$5,67 bilhões em divisas. Na comparação com igual período de 2015 verifica-se incremento de 5,10% na quantidade e queda de 3,50% no valor decorrente dessas exportações.

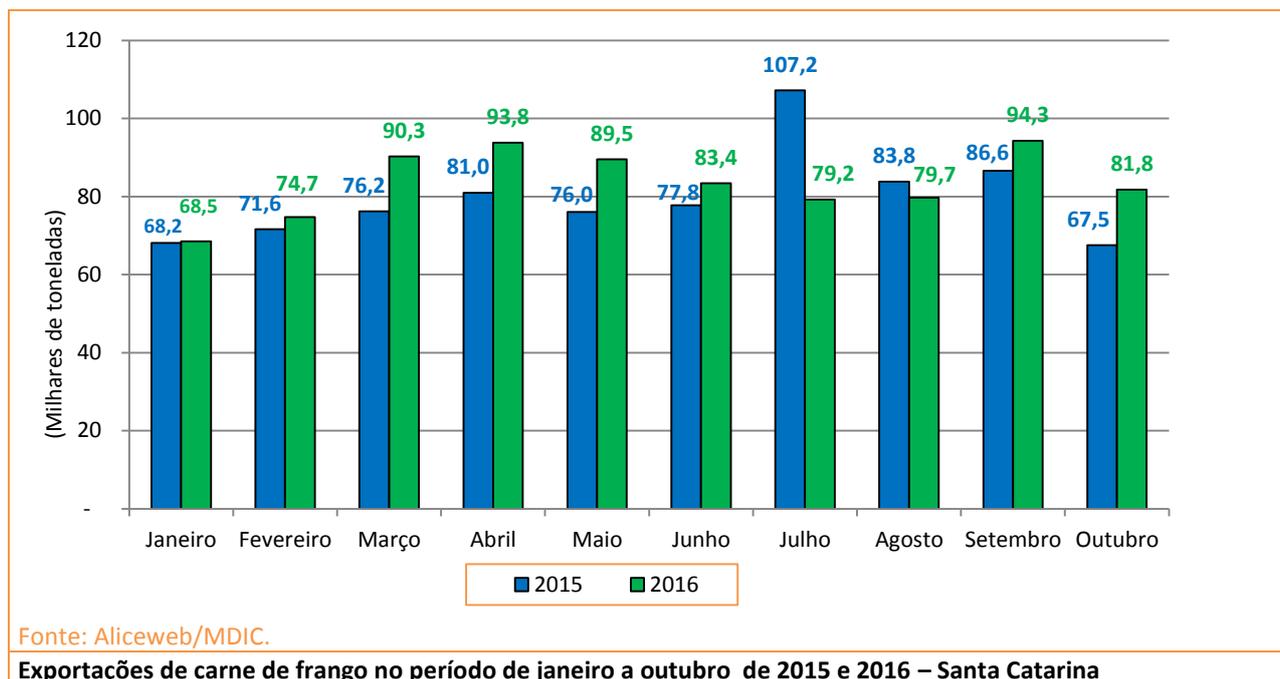


A principal razão para a redução no ritmo das exportações de carne de frango observada em outubro é a redução das compras dos países asiáticos, em especial China e Japão, bem como a ausência quase total de embarques para a Venezuela.

Entre janeiro e outubro de 2016 foram exportadas 835,3 mil toneladas de carne de frango oriundas do estado de Santa Catarina, o que representa um aumento de 4,95% em relação ao mesmo período de 2015. O valor acumulado das exportações dos 10 meses iniciais de 2016 é de US\$1,42 bilhão, queda de 3,78% em relação ao ano anterior.

O montante exportado por Santa Catarina no mês de outubro (81,8 mil toneladas) corresponde a uma redução de 13,30% em relação a setembro. Por outro lado, quando comparado com o mesmo mês do ano

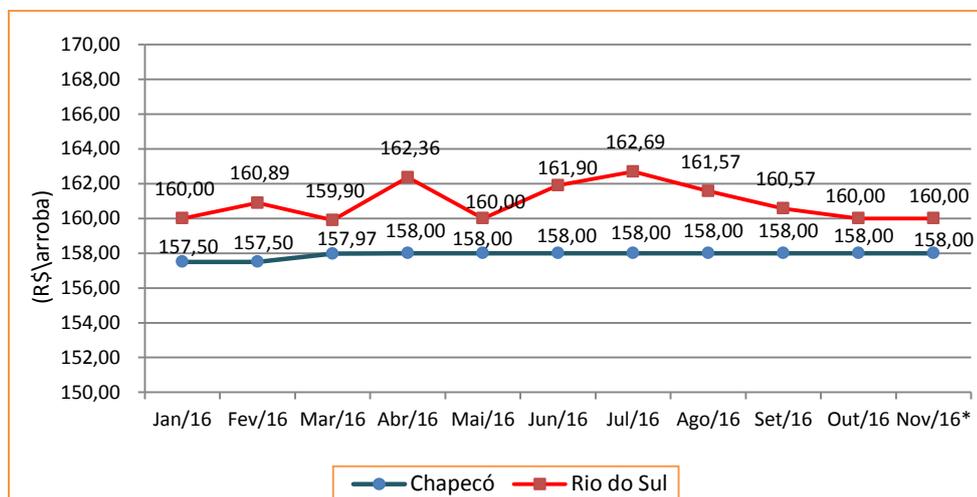
anterior, as exportações de outubro apresentam aumento de 21,07%.



Apesar do cenário macroeconômico ainda desfavorável, em outubro o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, registrou alta no preço de diversos cortes de frango no mercado atacadista de São Paulo. Conforme nota emitida pela instituição, a reduzida oferta de frango no mercado doméstico em momento de fortes exportações e redução do ritmo de produção elevou os preços de alguns cortes do produto a patamares nominais recorde.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br



⁽¹⁾Para pagamento em 20 dias.

^(*)Os dados do mês de novembro são parciais, relativos ao período de 1º a 16/nov./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016

De forma semelhante ao que já havia sido observado no mês anterior, o mercado do boi gordo em Santa Catarina mantém-se estável, não havendo até o momento alterações em relação às médias registradas em outubro nas duas praças de referência.

Em Chapecó o preço da arroba se mantém inalterado desde abril do corrente ano. O preço médio de novembro (preliminar) é 0,32% superior àquele

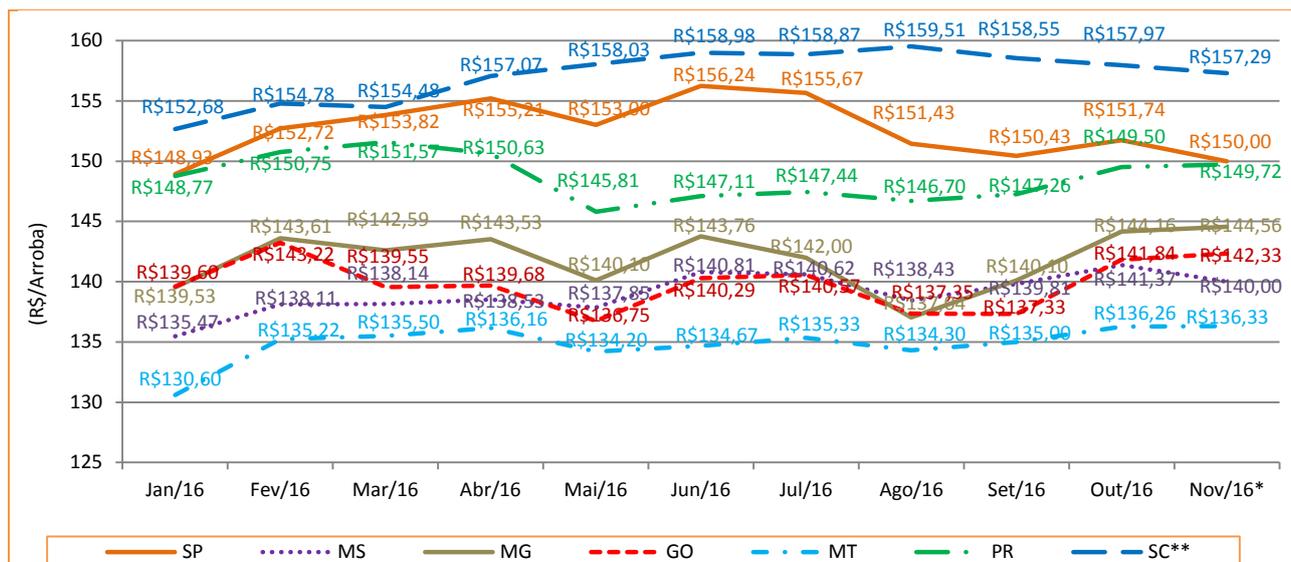
praticado no mês de janeiro, mesmo índice da comparação com novembro de 2015.

Em Rio do Sul, por sua vez, não obstante algumas oscilações ao longo do ano, é possível afirmar que também se observa um cenário geral de estabilidade. O preço médio preliminar de novembro é 3,03% superior àquele de novembro de 2015, exatamente o mesmo praticado em janeiro deste ano.

No cenário nacional também se observa estabilidade nos preços da primeira quinzena de novembro em relação à média do mês anterior. Os sete estados analisados neste boletim apresentam uma variação média de -0,25% no período. Em três deles as variações são negativas, enquanto nos demais há índices positivos, embora bastante modestos.

O Estado com a maior alteração em outubro é São Paulo, com queda de 1,14% no preço da arroba do boi gordo. Na sequência, encontram-se Mato Grosso do Sul (-0,97%), Santa Catarina (-0,43%), Goiás (0,35%), Minas Gerais (0,28%), Paraná (0,15%) e, por fim, Mato Grosso (0,05%). Vale destacar que Mato Grosso já havia apresentado uma das menores oscilações no mês anterior, que foi marcado por variações mais significativas.

Na comparação entre os preços médios preliminares de novembro e os praticados em janeiro deste ano a maior variação é observada em Mato Grosso (4,39%), seguido por Minas Gerais (3,60%) e Mato Grosso do Sul (3,35%). Santa Catarina, que chegou a ocupar a primeira colocação nesse “ranking”, agora aparece em 4º, com variação de 3,02%. Na sequência, encontram-se Goiás (1,96%), São Paulo (0,72%) e, por último, o Paraná (0,64%). A variação média dos sete estados no período em questão é de 2,48%.



* Os dados do mês de novembro são parciais, relativos ao período de 1º a 16/nov./2016.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾ (2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016

A estabilidade dos preços pode ser explicada por dois fatores principais. De um lado, há oferta restrita de animais prontos para abate em razão da entressafra e da menor disponibilidade de animais confinados (em decorrência dos preços elevados do milho). De outro, a demanda de carne bovina segue fraca em decorrência do cenário econômico desfavorável, o que limita as aquisições por parte dos frigoríficos e não permite variações significativas nos preços do boi gordo.

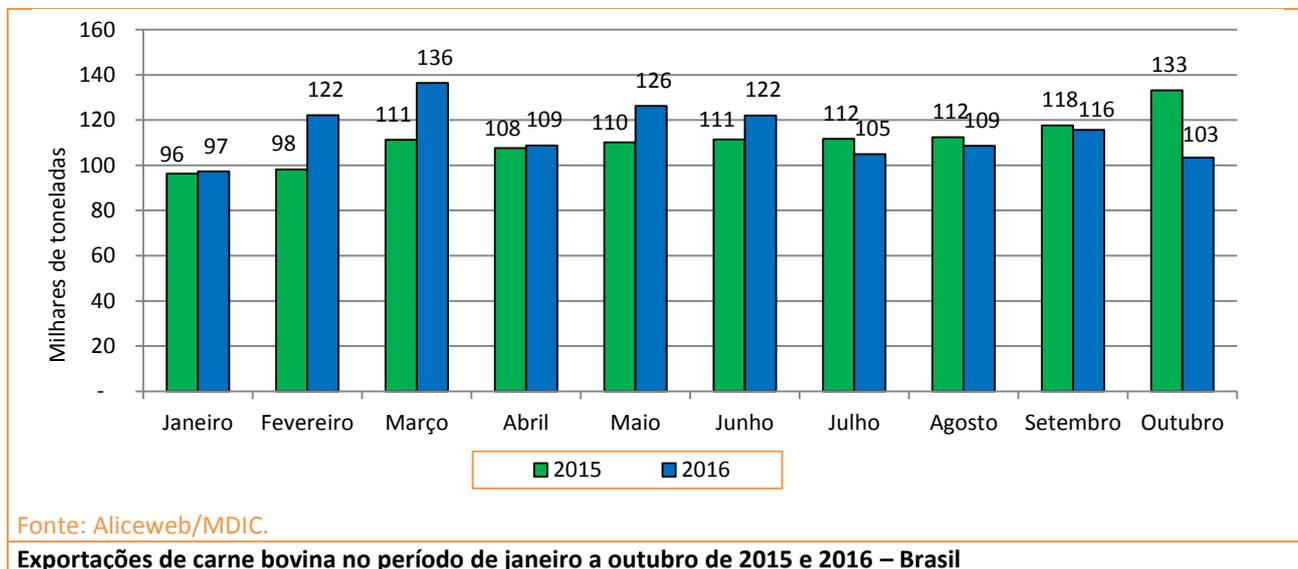
O mercado atacadista segue a tendência do mercado do boi gordo e registra poucas variações nas últimas semanas. O preço dos cortes dianteiros no mercado atacadista da região de Chapecó na primeira quinzena de novembro está praticamente estagnado em relação à média do mês anterior, com o quilograma sendo vendido a R\$8,956 (variação de apenas -0,05%). Já os cortes traseiros continuam apresentando queda, conforme vem sendo observado desde agosto. Contudo, dessa vez a queda foi menos expressiva que nos meses anteriores, sendo de -0,18% até o momento.

Há expectativa de que a maior demanda de carne bovina, característica dos meses finais e iniciais de cada ano, estimule uma reação do mercado, podendo ocasionar algumas altas. No entanto, não há consenso em relação ao impacto dessa variação sazonal.

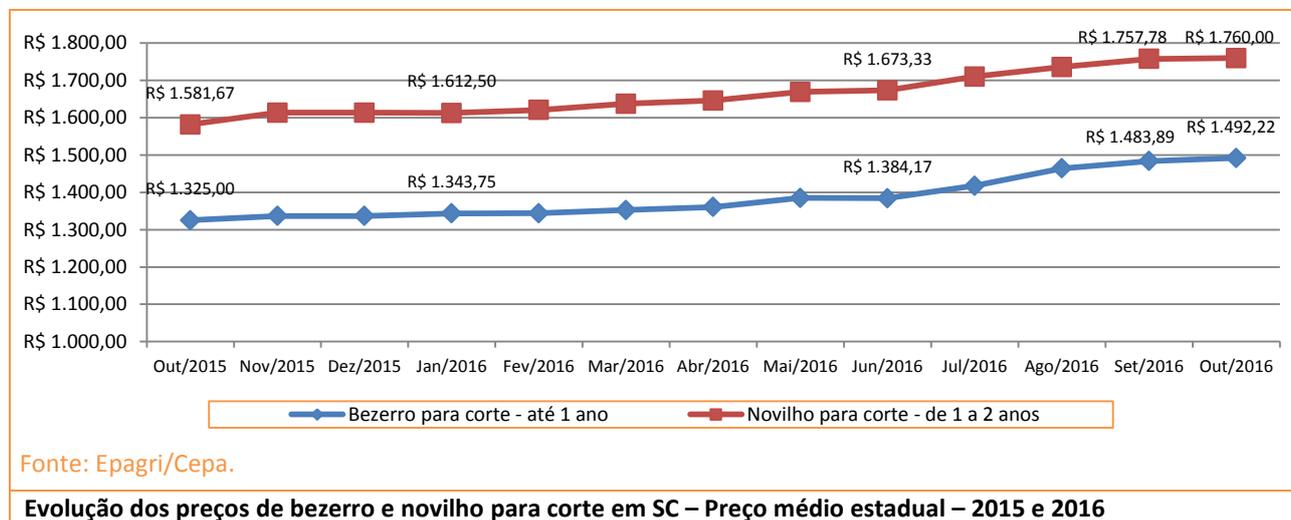
As exportações, que vinham se constituindo num importante canal de escoamento dos excedentes de carne bovina disponíveis no mercado nacional, apresentaram queda de 10,61% em outubro em relação ao mês anterior. De acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em outubro o Brasil exportou 103,4 mil toneladas de carne bovina, ante 115,3 mil em setembro. Na comparação com o mesmo mês de 2015 a queda é ainda mais significativa, atingindo -22,39% em quantidade exportada. Os números de 2016 ainda são positivos, tendo-se exportado 1,04 milhão de toneladas de janeiro a outubro, o que representa um aumento de 3,18% em relação ao mesmo período de 2015.

De acordo com a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), entidade que representa pequenos e médios frigoríficos no País, as exportações brasileiras de carne bovina em 2016 correm o risco de ficar abaixo das registradas em 2015, caso a tendência de queda se mantenha nos últimos dois meses do ano. O fator que contribui para essa tendência são as reduções nas importações da Rússia e da Venezuela, dois importantes parceiros comerciais. Por outro lado, o que evita um cenário pior é o aumento das importações de Hong Kong e da China continental.

Em termos de valores, em 2016 já foram exportados US\$4,49 bilhões em carne bovina, uma queda de 5,55% em relação a igual período do ano anterior. O valor médio da tonelada exportada em 2016 (US\$3.921,43), embora tenha registrado aumento nos últimos três meses, ainda está abaixo do valor médio de 2015 (US\$4.256,74).



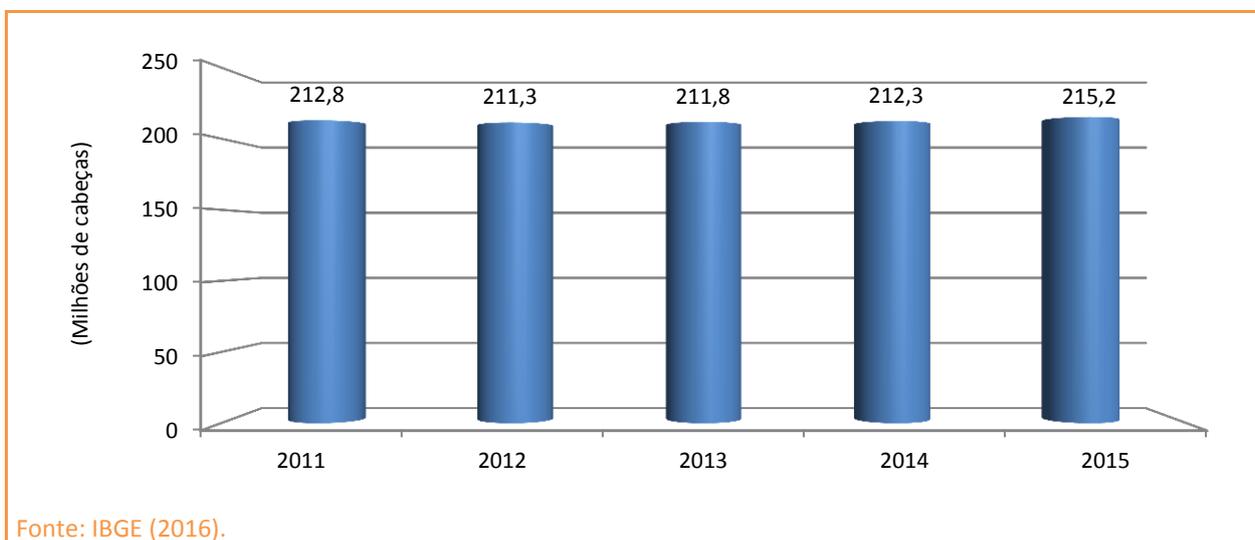
No que diz respeito à aquisição de animais de reposição (bezerros com até 1 ano e novilhos de 1 a 2 anos), no mês de outubro mais uma vez manteve-se a tendência de elevação observada desde o início deste ano. Contudo, o ritmo de aumento foi menor que nos meses anteriores, conforme pode-se verificar no gráfico abaixo.



Em relação aos preços médios praticados em setembro, os valores de outubro são 0,56% e 0,13% superiores para o caso do bezerro e do novilho respectivamente. Ressalta-se que nos 3 meses anteriores as variações foram sempre superiores a 1%, chegando a atingir 3,29% em determinado momento. Ao se utilizar como parâmetro de comparação o mês de outubro de 2015, verificam-se variações de 12,62% e 11,27% no preço do bezerro e do novilho respectivamente. No período em questão, o preço médio estadual da arroba do boi gordo sofreu variação de apenas 4,21%. Na comparação com janeiro deste ano, os preços de outubro são 11,05% e 9,15% superiores para bezerros e novilhos respectivamente.

Por fim, destaca-se que recentemente o IBGE divulgou os dados sobre o rebanho bovino do ano de 2015.

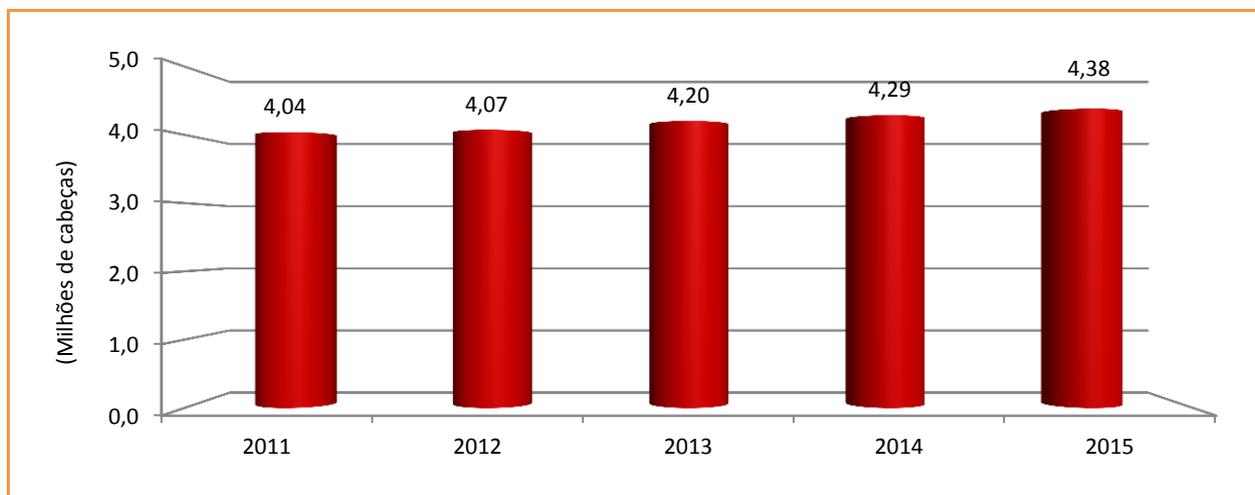
Em relação a 2014, houve crescimento de 1,34% no rebanho brasileiro, atingindo-se o montante de 115,2 milhões de cabeças. Convém ressaltar que no ano passado houve queda de 9,6% nos abates, o que contribuiu para esse aumento de rebanho.



Fonte: IBGE (2016).

Rebanho bovino do Brasil (em milhões) – 2011 a 2015

Santa Catarina, por sua vez, apresentou um aumento de 2,25% no rebanho bovino estadual na comparação entre 2015 e 2014. Nesse período o Estado também registrou crescimento de 1,72% no total de animais abatidos. Segundo os dados de 2015, Santa Catarina mantém-se na 13ª colocação no ranking de tamanho de rebanho dos estados brasileiros.



Fonte: IBGE (2016).

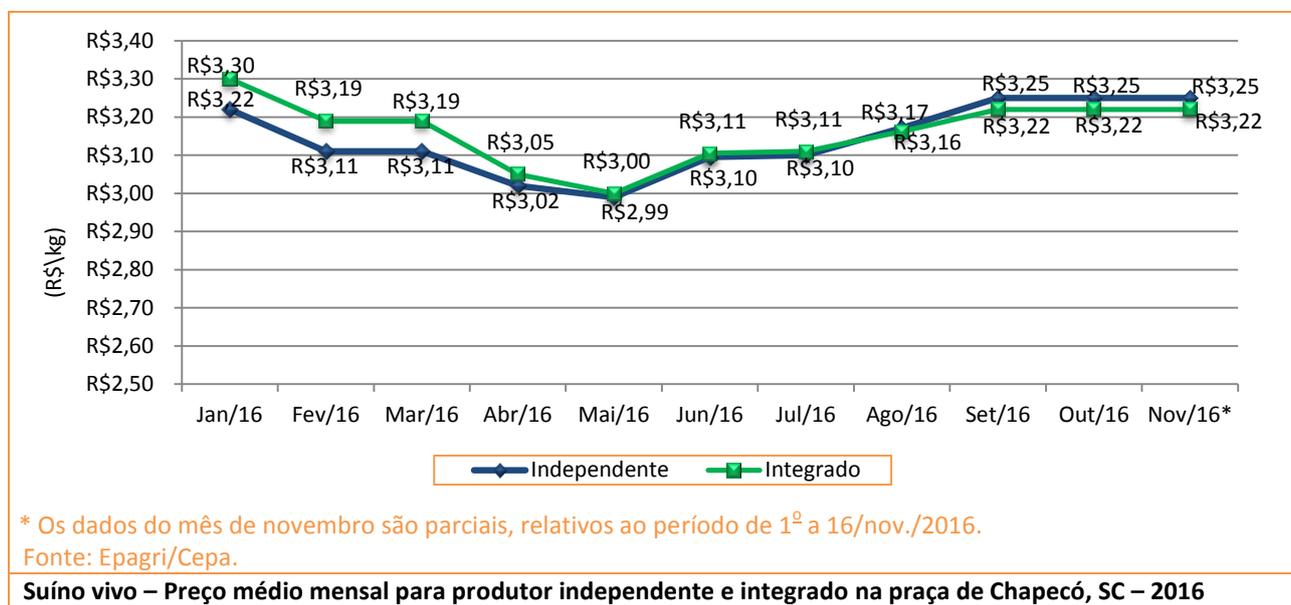
Rebanho bovino de Santa Catarina (em milhões) – 2011 a 2015

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

Desde meados de agosto, quando se atingiram os valores de R\$3,25 e R\$3,22/kg de peso vivo para o produtor independente e para o integrado respectivamente, os preços dos suínos mantêm-se estáveis na praça de referência de Chapecó, SC.

Como é possível observar no gráfico abaixo, os valores preliminares de novembro também não sofreram alteração em relação ao mês anterior. No entanto, na comparação com a média praticada em janeiro deste ano verifica-se que os preços atuais apresentam diferença de 0,93% e -2,42% em relação àqueles para produtores independentes e integrados, respectivamente. Na comparação com novembro de 2015, os valores preliminares do mês corrente estão defasados em 7,41% para o produtor independente e 6,4% para o integrado.



A tabela a seguir apresenta uma comparação entre os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores no período de janeiro a novembro de 2016. Como é possível perceber, houve pouca variação entre nos preços médios preliminares de novembro em relação ao mês anterior.

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016

Estado	(R\$/kg)											Variação out./nov.	Variação jan./nov.
	Jan./2016	Fev./2016	Mar./2016	Abr./2016	Mai./2016	Jun./2016	Jul./2016	Ago./2016	Set./2016	Out./2016	Nov./2016 ⁽¹⁾		
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,39	3,97	4,43	4,16	4,16	4,15	-0,24%	-0,56%
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,58	3,22	3,68	3,60	3,67	3,69	0,52%	10,68%
Rio Grande do Sul	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,26	3,05	3,40	3,39	3,39	3,38	-0,45%	3,33%
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,10	3,11	3,17	3,24	3,24	3,24	0,00%	-0,77%
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,03	3,49	4,26	4,00	4,03	4,02	-0,16%	4,26%

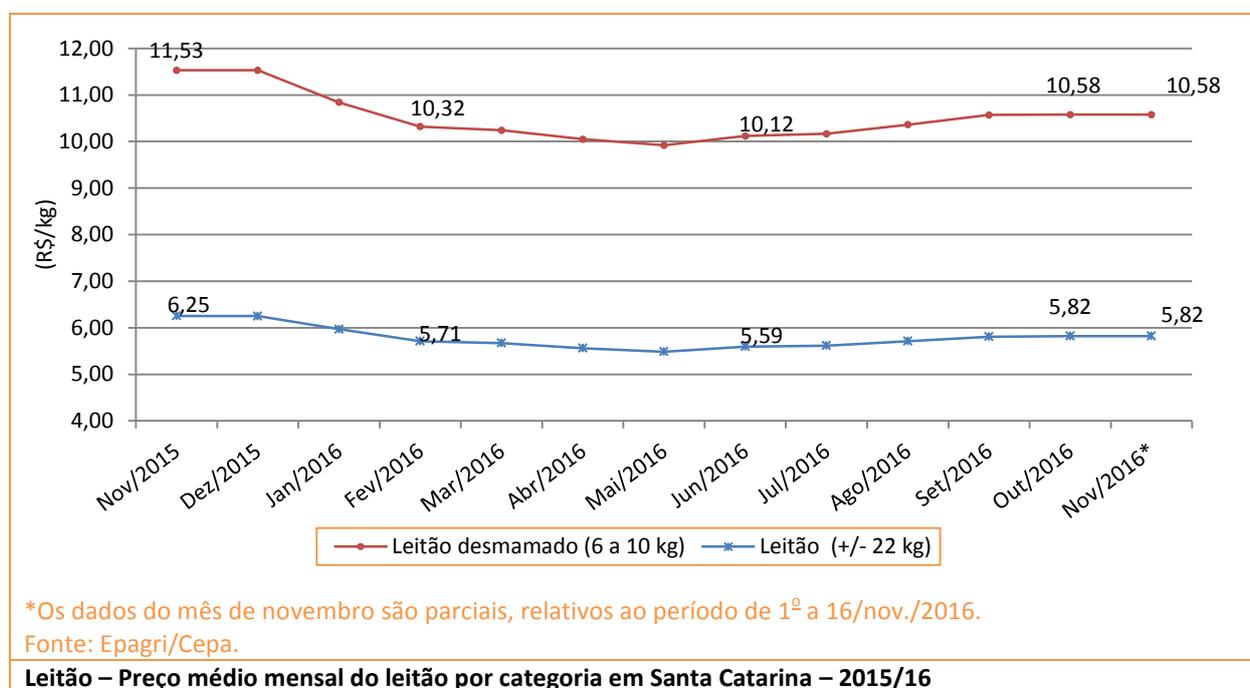
⁽¹⁾ Os dados do mês de novembro são parciais, relativos ao período de 1º a 16/nov./2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes. Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

A variação média dos 5 estados analisados foi de apenas -0,06% no período outubro/novembro. A maior variação foi observada no Paraná, com 0,52%. Até o momento, o Paraná também é o único Estado que registra índice de variação positivo no mês de novembro. Por outro lado, a maior queda é observada no Rio Grande do Sul (-0,45%), seguido por Minas Gerais (-0,24%) e São Paulo (-0,16%). Conforme já foi mencionado anteriormente, Santa Catarina mais uma vez não registra nenhuma variação.

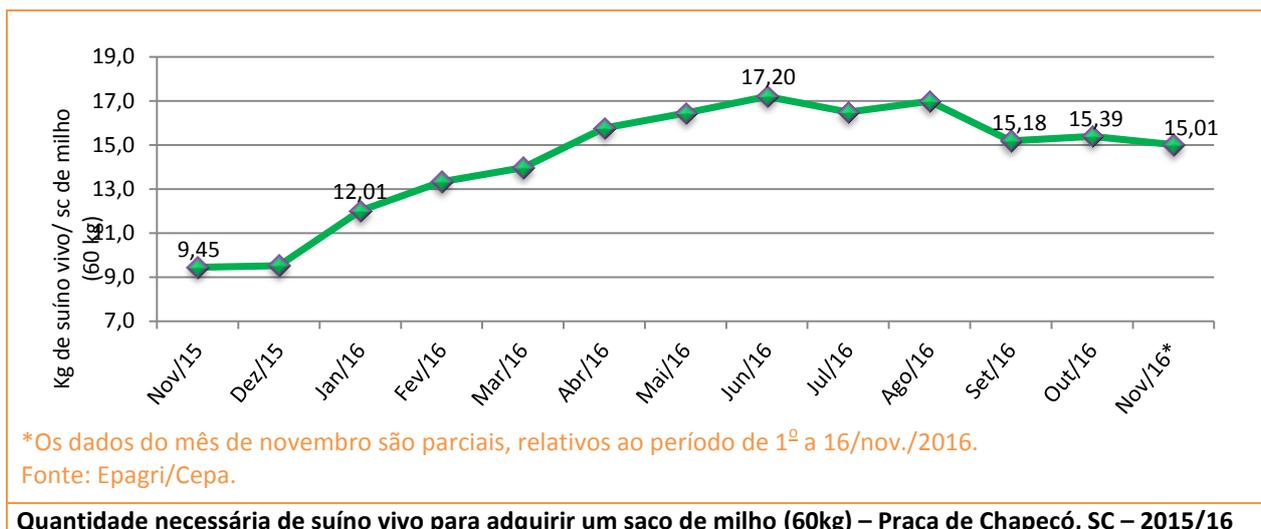
Na comparação com janeiro, os preços médios praticados nos 5 estados estão 3,39% superiores em novembro. Mais uma vez destaca-se o Paraná, com uma variação de 10,68% no período. Conforme já vinha sendo observado nos meses anteriores, Santa Catarina segue apresentando a maior defasagem (-0,77%) entre os preços de janeiro e novembro do corrente ano.

Os preços dos leitões também apresentam grande estabilidade em novembro, situação que vem ocorrendo desde setembro. Se no mês anterior as variações haviam sido quase insignificantes (0,06% e 0,25% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg respectivamente), em novembro não houve variação alguma, mantendo-se até o momento os mesmos preços praticados em outubro. Já na comparação com o mesmo mês de 2015, os preços de novembro deste ano apresentam defasagens de 8,28% e 6,89% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg respectivamente.



Após pequena elevação em outubro, a relação de troca insumo/produto voltou a registrar queda em novembro. O índice variou -2,48%, atingindo o menor patamar desde março deste ano. A redução foi causada pela queda no preço do milho (-2,48%), já que os preços do suíno permaneceram inalterados. Apesar das recentes variações negativas, o valor atual ainda é 58,87% superior ao registrado em novembro de 2015 e 24,98% maior que janeiro deste ano.

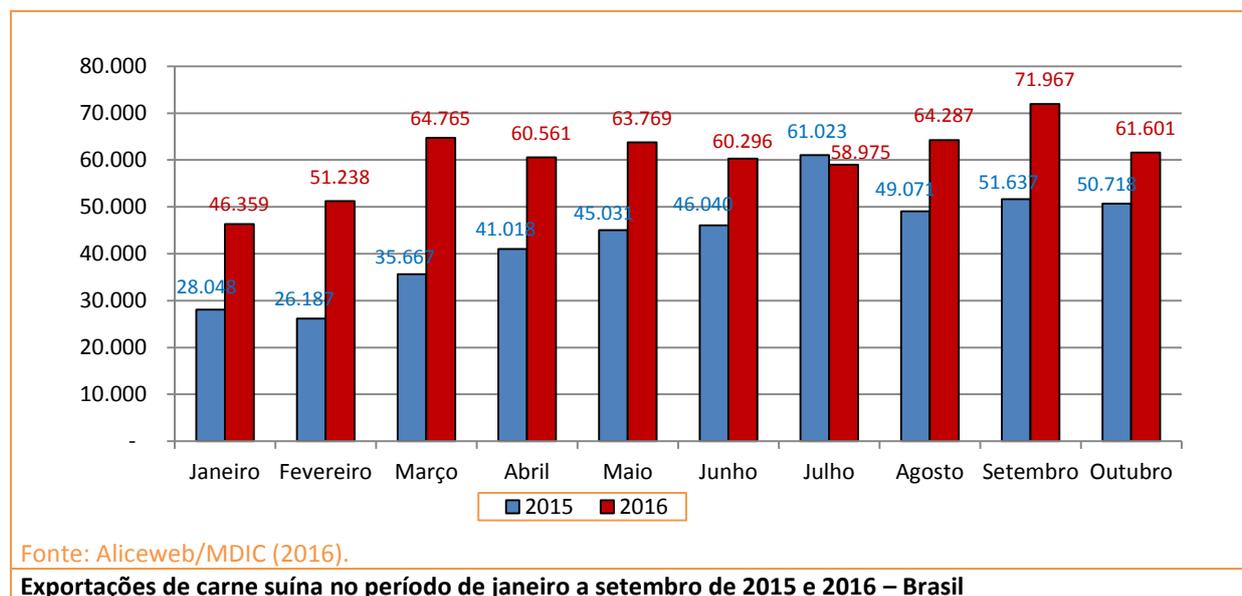
Para o cálculo da relação de troca insumo/produto utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e para o produtor integrado do suíno vivo. Já para o milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência a praça de Chapecó. Ressalta-se que os preços de novembro utilizados nos cálculos são preliminares, podendo sofrer alterações ao longo da segunda quinzena.



Um dos fatores responsáveis pela redução observada no preço do milho no País é o preço internacional do produto, que recentemente apresentou baixas na Bolsa de Chicago. Tal situação é decorrente do aumento da projeção da safra estado-unidense do grão, em fase de colheita. Alguns analistas também atribuem o movimento ao resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos, que indicaria um cenário macroeconômico futuro de incertezas, estimulando a venda de contratos futuros.

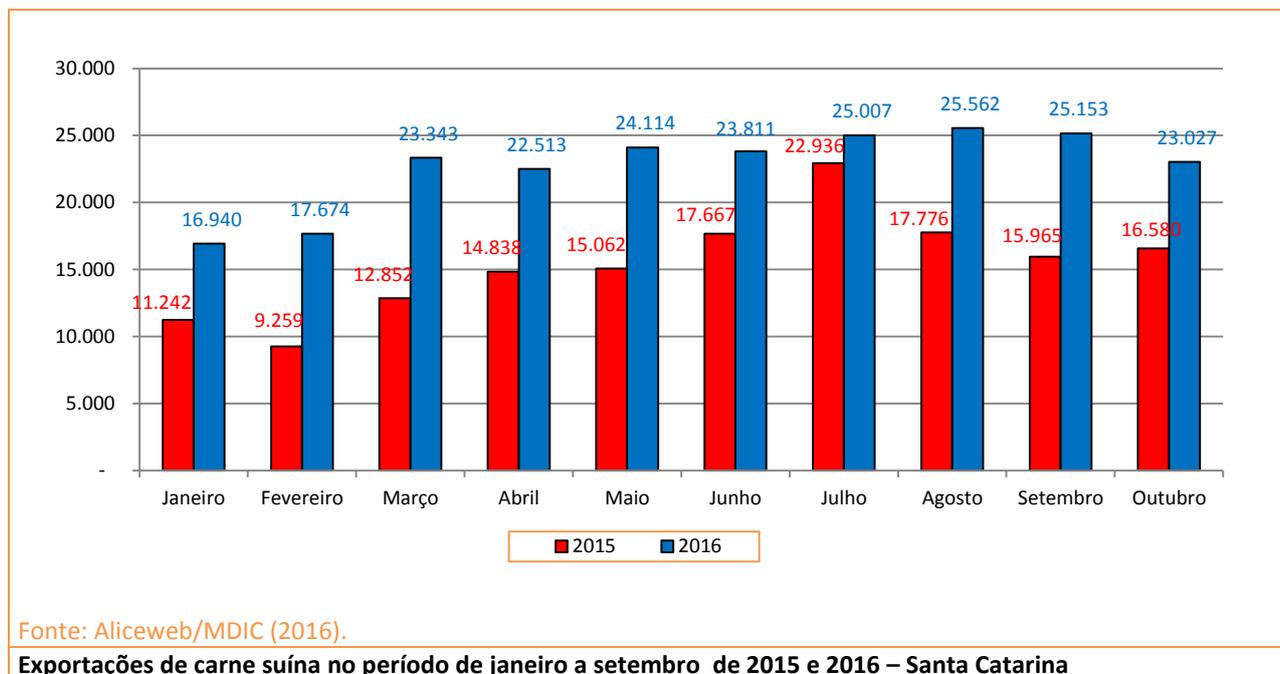
No que diz respeito ao mercado interno, o 2º Relatório de Acompanhamento de Safra 2016/17 publicado pela Conab continua apontando perspectiva de aumento na área plantada com milho. O milho 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção entre 4,7 e 10,4% superior à anterior. Destaca-se, contudo, que o relatório anterior a Conab estimava que o acréscimo deveria ficar entre 5,6% e 11,4%. Já para a 2ª safra, o aumento de produção estimado pela Conab é de 37,7%.

Em relação à exportação, dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços demonstram que em outubro foram exportadas 61,6 mil toneladas de carne suína, volume 14,4% menor que no mês anterior, mas 21,46% superior ao registrado no mesmo mês de 2015. Entre janeiro e outubro foram exportadas 603,8 mil toneladas de carne suína, aumento de 38,99% em relação ao mesmo período de 2015. Em termos de recursos, o valor exportado de janeiro a outubro é de US\$1,2 bilhão, incremento de 13,72% na comparação com o mesmo período de 2015.



De janeiro a outubro Santa Catarina exportou 227,1 mil toneladas (37,38% do total exportado pelo País), um incremento de 47,33% em relação ao mesmo período do ano passado. Em termos de valores, no período em questão foram exportados US\$446,1 milhões em carne suína, aumento de 21,22% na comparação com o ano anterior.

Em outubro as exportações catarinenses atingiram 23 mil toneladas, queda de 8,45% em relação ao mês anterior, mas um aumento de 38,89% na comparação com o mesmo mês de 2015.



Em outubro o preço médio da carne suína exportada por Santa Catarina atingiu US\$2.328,50/tonelada, maior valor do ano, ficando acima inclusive da média de 2015.

Um dos impulsionadores dos bons resultados das exportações de carne suína do Brasil é o crescimento da participação chinesa entre os parceiros comerciais do País. Em 2015, a China comprou 5.225 toneladas de carne suína do Brasil. Em 2016, esse montante já atingiu 75.367 (até outubro). Com isso, o Brasil reduziu sua dependência da Rússia que, embora continue sendo o principal importador, atualmente responde por um percentual menor do mercado (do montante exportado em 2016, 34,2% teve como destino a Rússia). Do total já exportado para a China em 2016, Santa Catarina respondeu por 53.207 toneladas (quase 71%).

Segundo relatório publicado recentemente pelo Rabobank, as exportações brasileiras de carne suína para a China deverão superar 100 mil toneladas em 2017, consolidando aquele país como um dos principais destinos desse produto.

No que diz respeito ao mercado interno, a demanda ainda apresenta restrições, não obstante a proximidade do final do ano, quando costumam se observar aumentos de consumo. Assim como os valores pagos ao produtor, no atacado os preços também seguem firmes. Isso fica evidenciado ao se analisar o preço da carcaça suína no atacado na região de Chapecó, que até meados de novembro era comercializada a R\$6,60/kg, mesmo preço de setembro e outubro. Esse preço é 4,76% superior àquele praticado em janeiro. Mas na comparação com novembro de 2015, a diferença é de apenas 1,54%.

Leite

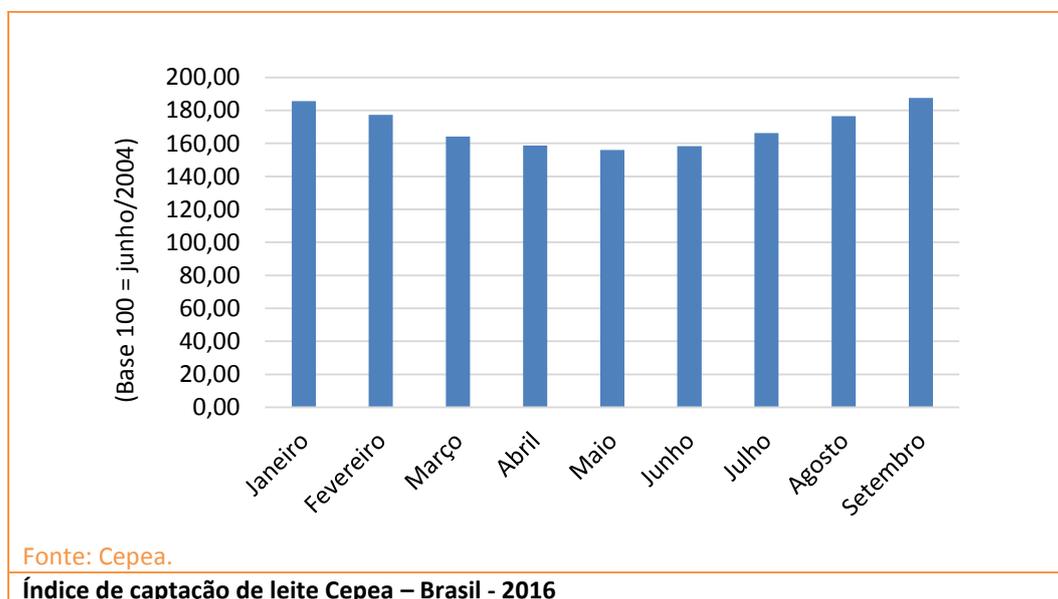
Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

A partir de 2015 e de maneira ainda mais acentuada em 2016 a economia brasileira entrou numa crise que tem gerado muitas reclamações e problemas para diversos setores produtivos, particularmente para aqueles dependentes quase que exclusivamente do mercado interno e/ou que concorrem com as importações. Embora esse seja o caso do leite, pode-se dizer que em boa parte desses dois anos a cadeia leiteira passou ao largo de grandes problemas, tendo períodos até bem favoráveis.

Considerando como parâmetro os preços de referência aos produtores no âmbito do Conseleite/SC constata-se uma trajetória de elevação constante que durou de outubro/2015 e julho/2016, quando atingiu seu maior nível real (descontada a inflação) da história.

Em boletins agropecuários anteriores procurou-se mostrar que, dado esse quadro econômico que compromete o emprego e a renda de boa parte da população brasileira e, conseqüentemente, o consumo de lácteos, a elevação dos preços do leite se explicava pelo decréscimo na oferta e que qualquer movimento de recuperação da produção leiteira poderia mudar significativamente a situação.

Pois bem, as indicações são de que esse aumento de oferta foi se dando gradativamente e em setembro atingiu o pico dos dados disponíveis de 2016. Tomando como referência o Índice de Captação de Leite Cepea¹ – Brasil, por exemplo, constata-se um crescimento na oferta por quatro meses consecutivos e que em setembro o volume captado foi 20,2% acima do alcançado em maio, mês com o menor Índice de Captação de 2016.

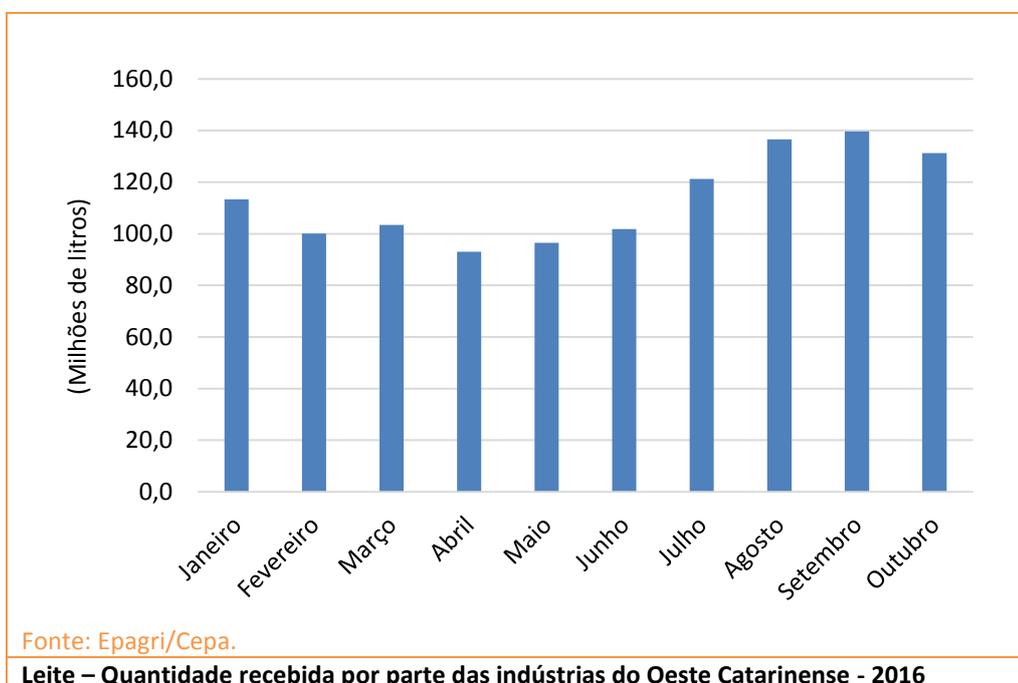


¹ O Índice de Captação de Leite Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE, segundo o volume produzido em cada unidade da federação.

No caso de Santa Catarina, segundo os dados levantados pela Epagri/Cepa junto à parte das indústrias de regiões que representam mais de 50% da produção estadual, o crescimento observado até o mês de setembro foi ainda mais significativo. Nesse caso, a menor quantidade recebida foi a do mês de abril e desde então houve um crescimento de 50,2% até o mês de setembro.

A considerar o que historicamente prevalece nos números da Pesquisa Trimestral do Leite, do IBGE, que contabiliza a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas nos estados e no País, seria de se esperar que, tanto em âmbito nacional quanto estadual, a produção seguisse em crescimento pelo menos até o mês de dezembro.

O Cepea ainda não disponibilizou os números de outubro, mas não será surpresa que esse crescimento não venha a se repetir. Esse já foi, por exemplo, o caso das indústrias de regiões que representam mais de 50% da produção estadual, cuja quantidade recebida no mês de outubro foi 6,1% inferior à do mês de setembro.



Como não se trata de comportamento produtivo tradicional, é bem provável que para muitos produtores os preços recebidos em outubro (referentes ao leite entregue às indústrias em setembro) passaram a desestimular a produção. Menos mal para os produtores que a última reunião do Conleite/SC (realizada no dia 17 de novembro) parece indicar que está cessando a trajetória de queda significativa dos preços dos lácteos no atacado e, conseqüentemente, nos preços de referência aos produtores, já que o valor final para o mês de outubro (R\$1,0461) ficou praticamente igual ao que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,0426) e o projetado para o mês de novembro sofreu apenas uma discreta redução.

Leite padrão - Preço de referência do Conseleite/SC - 2014-16

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Var. %	
	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,7389	0,7744	0,9546	4,80	23,27
Fevereiro	0,7655	0,7866	1,0154	2,76	29,09
Março	0,8379	0,8614	1,0652	2,80	23,66
Abril	0,8764	0,8843	1,1166	0,90	26,27
Mai	0,9040	0,8875	1,1430	-1,83	28,79
Junho	0,9123	0,9347	1,3363	2,46	42,97
Julho	0,9093	0,9278	1,5500	2,03	67,06
Agosto	0,9097	0,9131	1,3248	0,37	45,09
Setembro	0,8978	0,8978	1,1051	0,00	23,09
Outubro	0,8308	0,9024	1,0461	8,62	15,92
Novembro	0,7958	0,9308	1,0225 ^(*)	16,96	9,85
Dezembro	0,7877	0,9387		19,17	
Média	0,8472	0,8866		4,66	

^(*) Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC